



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 19 – nº 72 – setembro 2008

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br)

## **O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES JUNTO AOS MIGRANTES**

<b>EDITORIAL</b> .....	<b>2</b>
<b>ITALIANO</b> .....	<b>3</b>
Habermas - La terza via tra laicismo e radicalismo religioso.....	3
Il Cardinal Martino sottolinea il ruolo della Provvidenza nelle migrazioni .....	5
Il Pontefice chiede collaborazione per evitare la morte degli immigrati.....	6
Valdesi e metodisti: Preoccupazione per il clima di razzismo e xenofobia.....	6
Roma: oltre 200 luoghi di culto degli immigrati .....	7
Una nuova laicità per integrare l'islam in Occidente .....	8
Gli Stati Uniti pregano sempre più in spagnolo .....	9
<b>PORTUGUÊS</b> .....	<b>10</b>
Sociedades pós-seculares e religiões .....	10
Bispos da América Latina denunciam tráfico de seres humanos.....	12
Acompanhamento religioso e social aos imigrantes.....	12
Religião deve olhar para causas de migrações, diz arcebispo .....	13
Bento 16 pede que católicos lutem contra o racismo.....	14
Igrejas debatem tráfico de pessoas .....	14
Solidariedade aos migrantes: nota da CNBB .....	15
Semana do migrante .....	15
<b>ENGLISH</b> .....	<b>16</b>
Churches encourage the European Union to a much broader approach in employment policies.....	16
Expert Urges More Help for Christian Minority in Iraq.....	17
World Council of Churches: “The Changing Ecclesial Context: Impact of Migration on Living Together” .....	19
US Bishops: Immigration Laws Hypocritical.....	20
México: Bishops Urge Respect for Humanity of Migrants .....	21
Anglicanism: Christians have duty to witness to their faith, says Bishop Nazir-Ali.....	22
Church of England accused of censoring debate on Islam.....	22
<b>ESPAÑOL</b> .....	<b>23</b>
Acoger al extranjero no es algo facultativo, dice el CMI .....	23
Líderes religiosos denuncian abusos a inmigrantes Iowa .....	25
Organización caritativa mundial en campaña por latinos .....	26
Guatemala: El clamor de los indocumentados nos interpela, dice Pastoral de Migrantes.....	28
Los latinos cambian el panorama religioso de EEUU.....	29

<b>Los terroristas islámicos no son fanáticos religiosos, sino "ignorantes de la religión", según la inteligencia británica.....</b>	<b>30</b>
<b>Migraciones, reserva de vida: Comunicado de los obispos de la Patagonia y el sur de Chile.....</b>	<b>31</b>

## EDITORIAL

Nos últimos anos, aumentou de forma significativa o interesse da comunidade acadêmica em relação ao papel desenvolvido pela religião no interior da sociedade e, de forma específica, no contexto migratório. Após as profecias da iminente “morte de Deus” e do fim da religião no século XIX, a segunda metade do século XX ficou caracterizada por um gradativo retorno do sagrado, um novo surto religioso, que, na opinião de alguns autores (por exemplo, Claude Geffré), estaria diretamente relacionado com a crise das ideologias.

Começa-se a falar de uma época “pós-secular”: com essa expressão não se pretende afirmar o fim da laicidade das instituições civis e políticas, e sim o fim da idéia de que a religião esteja relacionada unicamente com a interioridade da pessoa, sem nenhuma repercussão em âmbito público e social. Neste contexto pós-secular surge, espontaneamente, a pergunta acerca do papel desenvolvido pela religião em promover a coesão na sociedade, sobretudo no que diz respeito a realidades caracterizadas pelo forte pluralismo religioso e pelas intensas imigrações.

No começo do terceiro milênio, um marco da reflexão sobre esse tema é representado por um artigo de José Saramago publicado logo após os atentados das torres do *World Trade Center*, em 2001. Nesse texto, o autor trata do “fator Deus” que, independentemente da religião, pode legitimar crimes hediondos, sendo assim “causa de sofrimentos inenarráveis, de morticínios, de monstruosas violências físicas e espirituais”. Saramago parece denunciar, antes que a religião em si, o uso instrumental de Deus enquanto fator de legitimação de atos criminosos. Mesmo assim, suas palavras expressam, no mínimo, uma atitude de forte desconfiança em relação ao fenômeno religioso.

Mais recentemente, em Istambul, Jürgen Habermas tem proferido uma palestra em que trata do tema da imigração na Europa e do papel da religião dos imigrantes no processo de integração. Rejeitando tanto o fundamentalismo religioso quanto o laicismo (não a laicidade), o filósofo alemão considera oportuno que “o Estado democrático não limite preventivamente a complexidade polifônica das diferentes vozes públicas, pois ele não pode saber se, desta forma, não esteja privando a sociedade de recursos úteis para a fundação do sentido e da identidade. Sobretudo no que diz respeito aos segmentos vulneráveis da convivência social, as tradições religiosas dispõem da capacidade de articular de forma convincente sensibilidades morais e intuições solidárias”. Habermas está preocupado em garantir às religiões o direito da plena participação ao espaço público, pois uma verdadeira integração dos imigrantes pode ser possível não “a despeito da religião, mas apenas em harmonia com ela”.

Embora não se possam negar as preocupações com o uso do “fator Deus” enquanto instrumento de legitimação de atos violentos, é preciso salientar, também, que uma precipitada e generalizada identificação entre violência e religião pode se tornar fonte de violações de direitos humanos de milhões de pessoas, principalmente de migrantes. Essas violações se concretizam em comportamentos xenófobos, na difusão de estereótipos e, pior ainda, na criação de legislações e políticas públicas que visam reduzir cada vez mais a visibilidade da identidade religiosa do migrante e sua influência na esfera pública da sociedade receptora. Às vezes, mesmo em ambientes humanistas, se aceita a presença do migrante enquanto pessoa, mas não enquanto pessoa religiosa.

Contra esse laicismo, recentes estudos têm ressaltado o papel determinante da religiosidade e das religiões no contexto migratório, principalmente em relação ao processo de integração. Alejandro Portes, professor de sociologia na Universidade de Princeton, NJ, reconhece que as religiões exercem um importante papel “interativo” entre os imigrantes e a sociedade de chegada, aportando contribuições extremamente significativas: “las religiones pocas veces generan ellas mismas flujos inmigrantes pero los acompañan y a menudo facilitan su adaptación, ayudando a superar las dificultades mayores que confrontan estas comunidades; las religiones no dictan políticas estatales pero a menudo ayudan a implementarlas o, por el contrario, las resisten cuando son vistas como contrarias a los intereses de sus

miembros; las religiones rara vez inician comunidades transnacionales pero las fortalecen a través de las actividades y conexiones de iglesias, mezquitas y templos “de aquí” y “de allá”; las religiones no crean el contexto social que enfrenta la segunda generación, pero pueden convertirse en una fuerza vital en el proceso de guiar a los jóvenes y ayudarlos a integrarse exitosamente”.

Dentre os serviços oferecidos pelas religiões aos migrantes, conforme Portes, cabe sublinhar a capacidade de questionar e resistir frente a políticas estatais que são tidas como contrárias aos interesses dos migrantes. Em termos cristãos, chamaríamos isso de *missão ou papel profético* na esfera pública das religiões. Dito de outra forma, não raramente, as posições assumidas por lideranças religiosas “han sido guiadas – consoante Portes – por una lógica contraria a las creencias fundamentales que a menudo guían las políticas estatales y subyacen los estereótipos dominantes en las sociedades receptoras”.

Nesta perspectiva, vale a pena citar Jorge Durand, da universidade de Guadalajara, em relação à atuação da Igreja católica durante os atos de protestos de imigrantes, nos EUA, em 1º de maio de 2006: “El principal aliado de los migrantes y sus organizaciones fueron las iglesias, muy en especial la católica. [...] La oposición de la Iglesia Católica a la hr4437 [...] fue, sin duda, un elemento clave para cuestionar la viabilidad del proyecto y su posterior aprobación definitiva”.

Enfim, as religiões, quando não se tornam “religiões de estado”, tendem a exercer um papel profético, anti-sistêmico, que questiona práticas e políticas necrófilas e discriminatórias em relação aos migrantes. Este número da Resenha “Migrações na atualidade” apresenta numerosos exemplos de tomadas de posição por parte de lideranças de diferentes denominações religiosas em favor da promoção dos direitos dos migrantes.

Por outro lado, lembrando do supracitado “fator Deus”, é fundamental que as próprias religiões fortaleçam, no próprio interior e na relação entre elas, práticas de respeito aos direitos humanos fundamentais, promovendo formas fraternas de diálogo e convivência. Caso contrário, torna-se difícil, senão impossível, exigir do Estado ou, mais em geral, da sociedade, o que elas não garantem aos próprios fiéis ou aos membros de outras denominações religiosas.

## ITALIANO

### Habermas - La terza via tra laicismo e radicalismo religioso

I multiculturalisti lottano per adeguare rispettosamente il sistema giuridico alle pretese di eguale trattamento avanzate dalle minoranze religiose. Essi mettono in guardia dai pericoli dell' assimilazione forzata e dello sradicamento. Lo stato laico non deve integrare le minoranze nell' egualitarismo civico in maniera tanto drastica da svellere i singoli individui dai loro contesti identitari. Vista in questa prospettiva comunitarista, un' astratta politica d' integrazione corre il rischio di assoggettare le minoranze agli imperativi della cultura di maggioranza.

Per esempio, Timothy Garton Ash sottolinea il fatto che ci sono «anche donne musulmane che rifiutano la maniera con cui Hirsi Ali accolla all' islamismo in generale - e non alle singole culture nazionali, regionali e tribali - la responsabilità della loro oppressione». Ed effettivamente, gli immigrati musulmani saranno integrabili nella società occidentale non a dispetto della loro religione, ma

soltanto in armonia con essa. Sull' altro versante, i secolaristi lottano per una inclusione color-blind, culturalmente daltonica, di tutti i cittadini, a prescindere della loro origine culturale e della loro appartenenza religiosa. Questo partito mette in guardia dalle conseguenze di una politica identitaria che “pieghi” eccessivamente il sistema giuridico alle esigenze specifiche delle minoranze culturali. Da questa prospettiva laicista, la religione deve restare una faccenda esclusivamente privata.

Entrambe le parti perseguono lo stesso obiettivo: la civile convivenza di cittadini autonomi nel quadro di una società liberale. Esse, tuttavia, si accaniscono nella disputa di un Kulturkampf che ad ogni pie' sospinto si riaccende daccapo. Nonostante sia evidente la reciproca interazione dei due aspetti, entrambe le parti continuano a discutere se la tutela dell' identità culturale debba precedere le garanzie dell' inclusione civica oppure viceversa. Il tono stridulo della polemica deriva dalle premesse

filosofiche che gli avversari - a torto o a ragione - si ascrivono a vicenda. Ian Buruma ha osservato giustamente come dopo l' 11 settembre 2001 la disputa, prima soltanto accademica, su illuminismo e anti-illuminismo, modernità e post-modernità, sia uscita dalle aule universitarie per entrare nelle piazze. In realtà, sono piuttosto le problematiche convinzioni retrostanti a fomentare la disputa: da un lato un relativismo culturale imbellettato in maniera postmoderna, dall' altro lato un laicismo antireligioso e *démodé*.

Sull' incoerenza filosofica della critica-della-ragione propugnata dal relativismo culturale post-moderno non è qui il caso di tornare. Si tratta però di una posizione interessante anche per un altro motivo. Essa ci illumina sui veri motivi di certi voltagabbana che sono passati da sinistra a destra. Di fronte al terrorismo islamico, certi "multiculturalisti" di sinistra si sono presto trasformati in falchi guerrafondai e hanno finito per allearsi inaspettatamente con i "fondamentalisti dell' illuminismo" di tipo neocon. Evidentemente, nella lotta contro l' islamismo, questi convertiti hanno continuato a vedere nell' illuminismo quella stessa "ideologia occidentale" che già in precedenza loro combattevano giudicandola priva di dimensione universalistica. «L' illuminismo è ora diventato di moda in quanto i suoi valori non sono soltanto universali, ma sono anche i valori nostri, cioè dell' Europa e dell' occidente».

Agli occhi del laicismo radicale poco importa il rilevamento sociologico che registra, persino nelle società secolarizzate dell' occidente, il nuovo ruolo della religione nella formazione politica dell' opinione e della volontà. Anche qualora si accetti come empiricamente corretta la qualifica di "post-secolare" riferita alle società dell' Europa occidentale, è possibile restare filosoficamente convinti che le religioni debbano la loro ininterrotta influenza all' ostinata sopravvivenza di forme premoderne del pensiero (una sopravvivenza che resterebbe poi da spiegare sul piano sociologico). Dal punto di vista dei laicisti, insomma, i contenuti di fede sono in ogni caso scientificamente screditati. E proprio questo atteggiamento scientifico li spinge a polemizzare con vivacità contro le tradizioni, persone e organizzazioni religiose che pretendono far valere un loro significato pubblico. Qui vorrei fare una distinzione tra laico e laicista. La persona laica o non credente si comporta con indifferenza agnostica nei confronti delle pretese religiose di validità. Invece, nei confronti di dottrine religiose che conservano rilevanza pubblica a prescindere dalla loro infondatezza scientifica, i *laicisti*

*assumono un atteggiamento polemico*. Oggi il laicismo si appoggia spesso ad un naturalismo hard, cioè fondato su assunti scientifici. Diversamente dal caso del relativismo culturale, qui non ho bisogno di discutere i presupposti filosofici retrostanti. In questo contesto mi interessa piuttosto chiedermi se una svalutazione laicistica della religione, nell' ipotesi venisse un giorno condivisa dalla grande maggioranza dei cittadini laici, sarebbe ancora conciliabile con il bilanciamento post-secolare di "eguaglianza civica" e "differenza culturale" (...) In altri termini, mi chiedo se una ipotetica mentalità laicistica della gran massa dei cittadini non finirebbe per essere - ai fini dell' autocomprensione normativa di una società post-secolare - altrettanto poco desiderabile quanto una deriva fondamentalistica dei cittadini credenti.

Forse che non occorre un processo di apprendimento - oltre che sul versante del tradizionalismo religioso - anche sullo stesso versante del secolarismo? Le stesse aspettative normative che governano l' inclusione democratica non ci vietano forse di screditare laicisticamente la religione proprio come ci vietano di accettare, per esempio, la disparità religiosa di uomo e donna? In ogni caso, un processo complementare di apprendimento sul versante del secolarismo diventa necessario dal momento stesso in cui, di fronte alla concorrenza delle visioni religiose del mondo, non si interpreti più il secolarismo dello stato come una mera esclusione dei contributi religiosi dalla sfera pubblica politica. (...) è opportuno che lo Stato democratico non riduca preventivamente la complessità polifonica delle diverse voci pubbliche, in quanto esso non può mai sapere se, così facendo, non stia privando la società di risorse utili alla fondazione del senso e della identità. Soprattutto riguardo a settori vulnerabili della convivenza sociale, le tradizioni religiose dispongono della capacità di articolare in maniera convincente sensibilità morali e intuizioni solidaristiche.

A questo punto, ciò che mette alle strette il secolarismo è l' aspettativa per cui i cittadini laici dovrebbero confrontarsi con i loro concittadini religiosi - nella società civile e nella sfera pubblica politica - prendendo sul serio la loro fede e su un piede di perfetta parità. Se nell' incontrare i concittadini religiosi, i laici dovessero pensare di non poterli prendere sul serio come contemporanei della modernità per via del loro atteggiamento religioso, allora si ricadrebbe sul piano di un mero *modus vivendi* e si perderebbe quella base di

mutuo riconoscimento che è costitutiva della cittadinanza. Dunque i laici non devono escludere a priori la possibilità di scoprire, nei contributi religiosi, dei contenuti semantici - in qualche caso, persino proprie intuizioni inesprese - che sono suscettibili

di essere utilmente tradotti sul piano dell'argomentazione pubblica. [TOP](#)

Fonte: [www.repubblica.it](http://www.repubblica.it) 19.07.08

## **Il Cardinal Martino sottolinea il ruolo della Provvidenza nelle migrazioni**

*Afferma che il fenomeno aiuta a rendere visibile il volto della Chiesa*

Il fenomeno delle migrazioni contribuisce a rendere visibile il vero volto della Chiesa universale.

Il Cardinale Renato Raffaele Martino, Presidente del Pontificio Consiglio per la Pastorale per i Migranti e gli Itineranti, lo ha affermato in un messaggio inviato al Congresso Nazionale per le Migrazioni 2008, organizzato dalla Conferenza Episcopale degli Stati Uniti, in svolgimento a Washington, D.C. Il tema dell'incontro è "Rinnovare la Speranza, Cercare la Giustizia".

Il Cardinale inizia il suo messaggio affermando l'importanza di sottolineare gli aspetti positivi delle migrazioni, "soprattutto nella prospettiva della cura pastorale della Chiesa".

Riferendosi alla "*Erga Migrantes Caritas Christi*", un'istruzione del 2004 del suddetto dicastero, il porporato osserva che il documento guarda al fenomeno delle migrazioni sotto una luce nuova.

"Il passaggio da società monoculturali a società multiculturali può rivelarsi così segno di viva presenza di Dio nella storia e nella comunità degli uomini, poiché offre un'opportunità provvidenziale per realizzare il piano di Dio di una comunione universale", aggiunge.

"Spostando l'obiettivo dal fenomeno in sé alla gente che migra, si deve riconoscere che 'pure i migranti possono essere i costruttori, nascosti e provvidenziali, di una tale fraternità universale, insieme a molti altri fratelli e sorelle. Essi offrono alla Chiesa l'opportunità di realizzare più concretamente la sua identità comunione e la sua vocazione missionaria".

Ampliando ancora di più questa visione, afferma che l'emigrazione nel mondo globalizzato può essere considerata "una chiamata, sebbene misteriosa, per il Regno di Dio, ed uno strumento della Divina Provvidenza per favorire l'unità e la pace della famiglia umana".

L'istruzione del Pontificio Consiglio, osserva il Cardinal Martino, dimostra che il fenomeno delle migrazioni, "mettendo in contatto fra loro persone di diversa nazionalità, etnia e religione, contribuisce a rendere visibile l'autentica fisionomia della Chiesa e valorizza la valenza ecumenica e dialogico-missionaria delle migrazioni".

Reazione cristiana

Il messaggio del Cardinale prosegue considerando la chiamata della Chiesa ai cristiani di fronte alle migrazioni.

"Una visione semplicistica delle difficoltà deve lasciare il passo a una visione globale di tutte le esperienze umane che entrano nel confronto, nel dialogo, nell'arricchimento e nello scambio tra popoli diversi", ha detto. "Lo sviluppo di un approccio che sia interculturale, ecumenico e interreligioso è assolutamente necessario, richiede la convergenza di un gran numero di responsabilità e offre nuove opportunità".

Il Cardinale ha aggiunto che bisogna anche "sviluppare un'azione politica esplicita e comprensiva, che non faccia dell'immigrato il capro espiatorio di altre scottanti questioni sociali, né una minaccia alla sicurezza e alla stabilità".

Citando ancora la "*Erga Migrantes Caritas Christi*", ha constatato che la "precaria situazione di tanti stranieri, che dovrebbe sollecitare la solidarietà di tutti, causa invece timori e paure in molti, che sentono gli immigrati come un peso, li vedono con sospetto e li considerano addirittura come un pericolo e una minaccia. Ciò provoca spesso manifestazioni di intolleranza, xenofobia e razzismo".

"La base per l'azione della Chiesa, invece, è l'affermazione che tutte le persone sono uguali, al di là delle differenze derivanti dall'origine, dalla lingua e dalla cultura, nella convinzione dell'unità della famiglia umana", ha aggiunto.

"L'approccio della Chiesa cattolica, quindi, afferma il ruolo centrale e il carattere sacro dell'essere umano indipendentemente dal suo status legale regolare o meno, soprattutto nei casi in cui è indifeso ed emarginato, tenendo anche nella dovuta considerazione la famiglia".

"Non solo - conclude -, la Chiesa è sempre più convinta che sottolineare la dimensione etico-religiosa delle migrazioni sia il modo più sicuro per raggiungere anche altri obiettivi di alto valore umano e culturale" [TOP](#)

Fonte: <http://www.zenit.org/article-15134?l=italian> 29.07.08

## **Il Pontefice chiede collaborazione per evitare la morte degli immigrati**

*Di fronte al dramma di quanti muoiono nelle acque del Mediterraneo*

L'aumento delle drammatiche morti degli immigrati in cerca di un futuro migliore in un Paese straniero ha portato questa domenica Benedetto XVI a ricordare le responsabilità delle persone coinvolte e a chiedere la collaborazione di tutti i Paesi, sia di quelli d'origine che di quelli d'accoglienza.

Nel tradizionale incontro in occasione dell'Angelus, il Papa ha constatato con dolore che "in queste ultime settimane la cronaca ha registrato l'aumento degli episodi di immigrazione irregolare dall'Africa".

"Non di rado, la traversata del Mediterraneo verso il continente europeo, visto come un approdo di speranza per sfuggire a situazioni avverse e spesso insostenibili, si trasforma in tragedia; quella avvenuta qualche giorno fa sembra aver superato le precedenti per l'alto numero di vittime", ha constatato.

Secondo il Santo Padre, "la migrazione è fenomeno presente fin dagli albori della storia dell'umanità, che da sempre, pertanto, ha caratterizzato le relazioni tra popoli e nazioni".

"L'emergenza in cui si è trasformata nei nostri tempi, tuttavia, ci interpella e, mentre sollecita la nostra solidarietà, impone, nello stesso tempo, efficaci risposte politiche", ha sottolineato.

Il Pontefice ha incoraggiato l'operato delle istituzioni regionali, nazionali e internazionali che si occupano

della questione dell'immigrazione irregolare, esortando queste realtà "affinché continuino la loro meritevole azione con senso di responsabilità e spirito umanitario". "Senso di responsabilità devono mostrare anche i Paesi di origine, non solo perché si tratta di loro concittadini, ma anche per rimuovere le cause di migrazione irregolare, come pure per stroncare, alle radici, tutte le forme di criminalità ad essa collegate", ha aggiunto.

Dal canto loro, "i Paesi europei e comunque quelli meta di immigrazione sono, tra l'altro, chiamati a sviluppare di comune accordo iniziative e strutture sempre più adeguate alle necessità dei migranti irregolari".

Questi ultimi vanno poi "sensibilizzati sul valore della propria vita, che rappresenta un bene unico, sempre prezioso, da tutelare di fronte ai gravissimi rischi a cui si espongono nella ricerca di un miglioramento delle loro condizioni e sul dovere della legalità che si impone a tutti".

Benedetto XVI ha concluso richiamando "l'attenzione di tutti sul problema" e chiedendo "la generosa collaborazione di singoli e di istituzioni per affrontarlo e trovare vie di soluzione". [TOP](#)

Fonte: <http://www.zenit.org/article-15284?l=italian> 31.08.08

## **Valdesi e metodisti: Preoccupazione per il clima di razzismo e xenofobia**

La preoccupazione per il clima di razzismo e xenofobia nel nostro paese è stata espressa dalle Conferenze dei quattro Distretti delle chiese valdesi e metodiste in Italia che si sono riunite, come ogni anno nel mese di giugno, per esaminare la vita

spirituale e amministrativa delle chiese e delle opere sociali del territorio.

La conferenza del III Distretto (Centro Italia), in particolare, ha approvato un ordine del giorno in cui "invita le chiese a vigilare sulle violazioni dei diritti

umani (compreso il diritto di asilo) subite dagli stranieri, regolarmente o irregolarmente presenti nel nostro territorio, e a rispondere a tali violazioni con voce profetica; a iniziare e proseguire percorsi di riflessione sulle potenzialità di incontro e dialogo con individui, comunità e culture, percepite come ‘altre da noi’. Il II Distretto (Nord Italia) ha fatto propria la presa di posizione delle chiese di Genova contro le norme sull’immigrazione contenute nel “pacchetto sicurezza” del governo e in particolare contro l’introduzione del reato di immigrazione clandestina (vedi NEV 25). Richiamando l’attenzione sulla difesa della Costituzione, sull’educazione dei più giovani e sul tema del lavoro, il IV Distretto (Sud Italia) ha esortato le

chiese a decidere se stare “dalla parte di chi agita la paura dell’altro ed alimenta gli egoismi”; “di chi esercita il controllo mafioso del territorio”; “di chi occupa le istituzioni democratiche per asservirle alla tutela di interessi privati”, “di chi fa della Parola di Dio uno strumento di discriminazione e di controllo sociale; o dalla parte del Signore della vita”.

I pastori e i deputati delle chiese locali hanno deliberato anche su questioni che saranno sottoposte all’esame del prossimo Sinodo delle chiese valdesi e metodiste, che si terrà a Torre Pellice (Torino), dal 24 al 29 agosto. [TOP](#)

Fonte: [http://www.fedevangelica.it/arch\\_nev/articoli/NEV\\_FCEI\\_777000240.html](http://www.fedevangelica.it/arch_nev/articoli/NEV_FCEI_777000240.html) 25.06.08

## Roma: oltre 200 luoghi di culto degli immigrati

*Presentata la nuova guida della Caritas. Per la maggior parte sono chiese cristiane*

233 luoghi di culto, di cui 201 a Roma e 32 nei paesi della provincia: 148 cattolici, 35 protestanti, 26 ortodossi, 12 musulmani, 5 ebrei e buddisti e uno per gli induisti ed i sikh.

A contarli è la guida “Immigrati a Roma e Provincia. Luoghi di incontro e di preghiera ” presentata oggi dalla Caritas diocesana di Roma e dall’Ufficio per la pastorale dei Migranti della Diocesi. La pubblicazione, giunta alla quarta edizione (1998, 2000, 2004 e 2008), è stata realizzata con il contributo del Comune e della Provincia di Roma.

Basandosi sulle religioni più praticate nei Paesi di provenienza, la Caritas stima che a Roma ci siano 103.000 immigrati cattolici, provenienti da tutte le parti del mondo. A questi si aggiungono, per completare il quadro dei cristiani, 52.000 ortodossi (per più della metà romeni) e 18.000 protestanti.

Forte anche la presenza di musulmani, che sarebbero 58.000 (al primo posto i bengalesi e gli egiziani con 9.000 persone), seguiti dai 16.500 fedeli di religioni orientali: per gli induisti il primo paese è l’India e per i buddisti lo Sri Lanka (ciascuno con 4.500 persone). È curioso rilevare che i filippini nella città di Roma sono la prima comunità tanto tra i cattolici (25.000, seguiti dai

polacchi) che tra i protestanti (2.500, seguiti dai britannici), così come i bengalesi sono la prima comunità tra i musulmani (9.000) e tra i buddisti (4.500).

“Anche le altre religioni presenti, ma difficilmente disaggregabili nella loro consistenza, meritano tutto il nostro interesse” spiega la guida. Migliaia di sikh, ad esempio, si concentrano in provincia di Latina, dove sono addetti, in prevalenza, alla cura dei campi.

“Non sempre quando si parla di accoglienza e di integrazione si pensa alle esigenze religiose degli immigrati. La Guida cerca di offrire questo servizio e si propone anche come strumento per favorire la conoscenza dei nuovi cittadini e delle loro religioni. Il volume infatti non è soltanto un elenco con i luoghi di culto e gli indirizzi, ma contiene approfondimenti sulle religioni mondiali e sulle loro feste, cercando il più possibile di essere uno strumento per far vivere la fede in Dio come uno stimolo alla pace” ha commentato mons. Guerino Di Tora, direttore della Caritas diocesana di Roma.

[TOP](#)

Fonte: <http://www.stranieriinitalia.it/comunita-roma-oltre-200-luoghi-di-culto-degli-immigrati-2933.html> 25.02.08

## Una nuova laicità per integrare l'islam in Occidente

*P. Blond - A. Pabst*

L'Arcivescovo di Canterbury, il Rev. Rowan Williams, capo titolare della Chiesa anglicana (77 milioni di fedeli a livello mondiale), ha recentemente suscitato un'enorme controversia suggerendo durante una lezione alle Royal Courts of Law che la Gran Bretagna adotti certi aspetti della legislazione sharaitica. La sua proposta nasceva dall'intenzione positiva d'integrare nel sistema giuridico britannico le pratiche e il credo del milione e ottocentomila musulmani del paese.

Tuttavia il chiaro suggerimento dell'Arcivescovo di consentire ai musulmani di optare, al di fuori della common law laica, per un arbitrato separato e un giudizio nei tribunali religiosi islamici ha creato l'impressione di una legge per i musulmani e un'altra per tutti gli altri.

Quest'idea rivoluzionaria (in seguito corretta dall'Arcivescovo) ha provocato una furiosa polemica sugli "stati negli stati" e un timore diffuso che qualsiasi licenza concessa alla legislazione sharaitica ne autorizzerebbe anche gli aspetti più estremi. Purtroppo la tempesta mediatica ha mascherato il messaggio reale del discorso, che riguardava l'autorità dello stato laico e il suo impatto sulle minoranze religiose in generale e sui musulmani in particolare.

Infatti il vero bersaglio della lezione dell'Arcivescovo è la natura sempre più autoritaria e antireligiosa dello stato liberale moderno. Un laicismo militante ha proibito in Francia foulards e crocifissi appesi alle pareti. Ha anche messo fuori legge le agenzie di adozione cattoliche in Gran Bretagna perché rifiutavano di selezionare coppie dello stesso sesso come potenziali genitori adottivi. Sotto l'insegna della libertà di espressione, alcuni esponenti laici di sinistra hanno impedito a Papa Benedetto XVI di rivolgersi all'università La Sapienza di Roma sull'argomento dell'indagine razionale.

Le legittime preoccupazioni religiose di Williams circa la libertà di coscienza si collegano a una più ampia apprensione in tutto l'Occidente circa le conseguenze che si produrrebbero se non si riuscisse a integrare una minoranza islamica in crescita, profondamente religiosa e alienata, all'interno di una cultura laica relativistica e sempre più aggressiva.

Tuttavia la soluzione proposta dall'Arcivescovo ripete gli errori del multiculturalismo liberale degli

anni '60 del secolo scorso. Evocando l'idea di comunità che condividono lo stesso spazio ma conducono esistenze separate, Williams appoggia involontariamente uno scenario che sancisce definitivamente la segregazione e distrugge ogni concezione di un bene comune che impegni tutti i cittadini. Nonostante questo, Williams riconosce almeno che la Gran Bretagna sta cercando faticosamente una propria via per collocare la popolazione musulmana sempre più ghettizzata e preda di correnti radicali.

Chiaramente, l'integrazione dell'Islam nelle democrazie laiche è una sfida che interessa tutto il mondo occidentale e l'Europa in particolare. Purtroppo tutti i modelli laici esistenti d'integrazione presentano problemi. Le versioni inglese e olandese del multiculturalismo speravano d'assicurare uguali diritti a tutti i cittadini, ma entrambi i paesi - abbandonando la coesione culturale fondata sulla religione - hanno perso proprio quel termine medio su cui maggioranze e minoranze potevano incontrarsi. La Germania ha scartato la tradizione cristiana a favore di una descrizione etica della propria identità. Pur garantendo ampi diritti socio-economici, il modello tedesco rifiuta ancora ai "lavoratori ospiti" musulmani la cittadinanza e così la partecipazione alla vita civile.

In Francia, l'ideale repubblicano esercita un fascino sugli immigrati, ma la sua realtà secolare nega la forma innanzitutto religiosa della loro identità. Inoltre la popolazione musulmana è discriminata nel mercato del lavoro e tende a essere confinata nelle banlieues. Il rifiuto di far spazio alla religione impedisce di allargare il concetto di identità francese.

Il problema di tutti i modelli europei risiede nel fatto che sanciscono il primato della legge secolare sui principi religiosi e anche contro di essi. Lungi dall'assicurare neutralità e tolleranza, lo stato secolare europeo si arroga il diritto di controllare e legiferare su tutte le sfere della vita; le costrizioni statali si applicano in modo particolare alla religione e alla sua ricaduta civile. Dal punto di vista legale, il secolarismo dichiara fuori legge ogni fonte concorrente di sovranità e legittimità. Politicamente, nega alla religione qualsiasi peso nel dibattito pubblico o nel processo decisionale. Culturalmente, la promessa liberale di eguaglianza si converte



praticamente nell'imposizione laica dell'uniformità. Come tale, il liberalismo contemporaneo non è in grado di riconoscere le religioni nei loro diritti né può garantire loro l'autonomia che gli spetta.

Di contro, gli Stati Uniti offrono una visione molto integrata che permette l'espressione pubblica della religione sotto gli auspici di uno stato che garantisce non solo i diritti individuali, ma anche l'autonomia delle comunità religiose. Anche se le minoranze negli Stati Uniti hanno patito discriminazione, il modello americano d'integrazione religiosa protegge esplicitamente la religione da un'eccessiva ingerenza statale. Così la lealtà verso lo stato non è necessariamente in conflitto con la lealtà verso la propria fede. Forse questo può spiegare perché i musulmani americani sono chiaramente più integrati e meno alienati dei loro correligionari europei. In parte questo dipende dal fatto che l'Illuminismo europeo ha cercato di proteggere lo stato dalla religione, mentre il sistema americano si proponeva di proteggere la religione dallo stato.

Così il vero motivo del fallimento europeo nell'integrare l'Islam è l'opzione europea per il laicismo. Solo un nuovo accordo con la religione è in grado di incorporare con successo le crescenti minoranze religiose in Europa occidentale. Il

liberalismo laico è semplicemente incapace di raggiungere questo risultato.

Paradossalmente, quello che le altre fedi richiedono per essere riconosciute è il recupero della tradizione religiosa europea indigena: il Cristianesimo. Solo il Cristianesimo è in grado d'integrare altre religioni in un progetto europeo condiviso riconoscendo ciò che le ideologie laiciste non possono riconoscere: una verità oggettiva trascendente che supera l'umana rivendicazione, ma è aperta al discernimento e al dibattito razionali. Come tale, il Cristianesimo delinea un modello non secolare di bene comune a cui tutti possono partecipare.

Anziché cercare di difendere la religione per il tramite del multiculturalismo laico, l'Arcivescovo di Canterbury avrebbe dovuto difendere il pluralismo religioso attraverso il Cristianesimo. Ciò che crea maggiori obiezioni tra i musulmani non è una differenza di credo ma la sua assenza dalla coscienza europea. Così il recupero del Cristianesimo in Europa non è un progetto settario, ma piuttosto l'unica base per l'integrazione politica dei musulmani e per una coesistenza pacifica tra le religioni. [TOP](#)

Fonte:

[http://www.oasiscenter.eu/index.php?page=11&table=contributi&directori=contributi&name=contributi\\_doc&news=417&group=contributi&subgrup=doc\\_2008](http://www.oasiscenter.eu/index.php?page=11&table=contributi&directori=contributi&name=contributi_doc&news=417&group=contributi&subgrup=doc_2008) 2008

## **Gli Stati Uniti pregano sempre più in spagnolo**

*In meno di 40 anni, il numero dei cattolici ispanici aumenta del 70%*

*Carmen Elena Villa Betancourt*

Secondo la Conferenza Americana dei Vescovi Cattolici, dal 1960 il numero dei fedeli negli Stati Uniti è aumentato di oltre il 70%. Il fenomeno migratorio degli ispanici è uno dei fattori che influisce maggiormente su questa crescita.

La maggior parte arriva cercando migliori condizioni di vita per mancanza di opportunità di lavoro nei Paesi d'origine, o per ricongiungersi ad alcuni parenti emigrati al nord.

Degli oltre 35 milioni di ispanici residenti negli Stati Uniti, circa il 73% è cattolico. Molti arrivano in un Paese con costumi del tutto diversi e cercano qualcosa che li identifichi. Trovano un punto di riferimento, raccomandano al Signore la loro nuova vita e in questa nuova tappa scoprono, come dice

San Paolo, che né l'angoscia né la tribolazione potranno separarli dall'amore di Cristo (Rom 8, 31).

"La fede in Gesù ha fatto sì che i popoli possano arricchire sia la loro cultura che il loro umanesimo", ha commentato a ZENIT il portoricano Daniel Cadiz, che lavora nella Diocesi di Dalton, Georgia, nella pastorale ispanica. Per questo, sempre più parrocchie statunitensi si uniscono alla celebrazione di Messe e attività pastorali in spagnolo. "Dieci anni fa abbiamo dato vita a un piccolo gruppo di volontari che aiuta gli immigrati ad adattarsi alla nuova cultura. Questo ci ha portato a quello che possiamo definire ministero di preghiera, che include malati e defunti", commenta la colombiana Estela Rendón, della parrocchia di

Saint Joseph nella Diocesi di Brigdeport, nel Connecticut.

### *Una Chiesa che accoglie*

Nel 1972 i Vescovi del Paese hanno deciso di realizzare il primo incontro ispanico di pastorale per iniziare a riflettere su come la Chiesa debba accogliere il tesoro della fede che i fedeli portano dai loro Paesi. Ciò ha dato abbondanti frutti nella pastorale con gli ispanici, come una maggiore partecipazione dei membri di questa comunità alla vita e alla missione della Chiesa, visto che molti di loro hanno posizioni di *leadership* e partecipano ai processi decisionali.

La riflessione è andata maturando. Giovanni Paolo II, nell'Esortazione apostolica post-sinodale *Ecclesia in America*, ha invitato i sacerdoti e i religiosi residenti negli Stati Uniti a sforzarsi di "sviluppare con ogni sforzo la propria azione pastorale tra tali immigrati, per favorirne l'insediamento nel territorio e per suscitare allo stesso tempo un atteggiamento di accoglienza da parte delle popolazioni locali, nella convinzione che dalla mutua apertura deriverà un arricchimento per tutti".

I Vescovi delle Diocesi di frontiera con il Messico hanno portato il tema dell'immigrazione a livello di dibattito nazionale, sottolineando elementi importanti della Dottrina Sociale della Chiesa come

l'unità familiare e la situazione lavorativa, "soprattutto negli ultimi anni, in cui ci sono più paura e sfiducia, e quindi più insicurezza alle frontiere. Ciò obbedisce all'incremento del terrorismo, ma è anche una resistenza ai cambiamenti sociali", ha affermato padre Amando Trujillo Cano, che ha lavorato in varie Diocesi dello Stato del Texas.

La fede degli ispanici diventa così un tesoro che viene condiviso con molti Statunitensi: "Nella mia parrocchia, ad esempio, gli anglofoni hanno saputo apprezzare i costumi che abbiamo noi ispanici. Abbiamo una Messa bilingue. In varie attività della parrocchia lavoriamo insieme", ha aggiunto Daniel Cadiz.

In questo modo diventano realtà le parole di Papa Benedetto XVI, che nel suo viaggio negli Stati Uniti ha affermato che la Chiesa nel Paese, "accogliendo nel suo grembo tanti suoi figli emigranti, è andata crescendo grazie anche alla vitalità della testimonianza di fede dei fedeli di lingua spagnola. (...) Solo se rimarrete uniti a Cristo e tra di voi, la vostra testimonianza evangelizzatrice sarà credibile e si esprimerà in copiosi frutti di pace e di riconciliazione in mezzo a un mondo molte volte segnato da divisioni e scontri". [TOP](#)

Fonte: <http://www.zenit.org/article-15127?l=italian> 28.07.08

## PORTUGUÊS

### **Sociedades pós-seculares e religiões**

*“À pergunta se a religião como fenômeno central do espírito permanecerá ou se desvanecerá sob o constante progredir do esclarecimento, ele não dá uma resposta unívoca: oscila entre um sim e um não”, afirma Vittorio Possenti, filósofo italiano, em artigo publicado no jornal italiano Avvenire, 20/7/2008. Segundo Possenti, “ultimamente Habermas pareceu aproximar-se da posição de Hegel, segundo a qual a religião é essencialmente um fenômeno do passado, do qual a filosofia nada mais tem a aprender, a não ser o ato de determinar precisamente o que é racional ou irracional na fé”. E conclui, perguntando: “ Existe um duplo Habermas?”*

Vittorio Possenti

Entramos numa sociedade pós-secular? Há alguns anos aplica-se o prefixo “pós” também à secularização: não só pós-industrial, pós-moderno, mas também pós-secular. Esclarecemos o termo, para evitar equívocos. Em sua melhor determinação ele significa, não que está se reduzindo a laicidade das instituições civis e da política, mas que declina a idéia que a religião seja

mantida a uma rigorosa distância da esfera pública. Neste sentido, pode acontecer que na sociedade pós-secular se incremente a secularização de algumas faixas de cidadãos e, simultaneamente, a presença pública da religião. Na intervenção A terceira via entre laicismo e radicalismo religioso (em “Repubblica” do dia 19, antecipando a revista “Reset”), Habermas acende a questão, recorrendo

ao termo pós-secular para designar a nova situação em curso.

Não se trata somente de dar-se conta de uma retomada de presença pública das religiões mundiais nos respectivos contextos geoculturais, mas de entrelaçamentos, enquanto concernem à Europa importantes lições sobre a contribuição do partido religioso e do laico à vida comum (a situação americana é diversa, enquanto a presença pública do fato religioso pertence à sua experiência constitutiva). Habermas deixa de lado os dois extremos do laicismo e do fundamentalismo religioso, para buscar uma terceira via. Ao perfazer este trajeto, ele considerou, nos últimos anos, com crescente atenção as reservas de sentido que o discurso religioso contém, como também os maiores riscos do discurso secularizado e cientificista, sugerindo um reconhecimento recíproco entre laicos e religiosos, e um processo de aprendizagem complementar: aquele em que as duas partes não se excluem a priori, mas retêm que cada uma teria algo a aprender da outra. A aprendizagem complementar é um ganho, não uma perda ou diminuição para a parte que aprende.

A colocação é clara: buscar a frutuosa convivência – que é mais do que mera coabitação – entre cidadãos de diferentes culturas, crenças e pertencimentos, mantendo-se no âmbito de um quadro ético, político e jurídico suficientemente homogêneo e em geral estabelecido por valores constitucionais fundantes. Os riscos de fanatismo e de violência, ínsitos no fundamentalismo religioso, são evidentes e desde ao menos uma década têm sido justamente sublinhados por muitos, entre os quais Habermas. Hoje ele se volta ao laicismo, sublinhando que a exclusão recíproca, tanto cognitiva quanto motivacional da visão religiosa corre o risco de privar “a sociedade de recursos úteis à fundamentação do sentido e das identidades”. E acrescenta: “Pergunto-me se uma hipotética mentalidade laicista da grande massa dos cidadãos não acabaria por ser tão pouco desejável quanto uma deriva fundamentalista dos cidadãos crentes”. Estas e outras expressões concernentes ao diálogo, ao mútuo reconhecimento, à busca de bases comuns não podem não suscitar o consenso de tantos que têm a peito a obtenção de uma república aceitável e inclusiva.

O filósofo alemão não se limita a tal nível, mas faz alusão a alguns temas ainda mais decisivos: a relação entre fé e ciência e a permanência da religião. Sobre o primeiro, sua opinião é que o

partido laicista-fundamentalista tenha propensão no sentido de desacreditar cientificamente os conteúdos de fé e a considerá-los sobrevivências pré-modernas destinadas a desaparecer. Assim, torna muito difícil o diálogo: como dialogar, se uma das duas partes considera a outra portadora de falsidade e, além disso, destinada à insignificância e ao desaparecimento? Estamos diante da afirmação descontrolada de um cientificismo e de um naturalismo empregados como martelo de toda fé: “Hoje o laicismo se apóia freqüentemente num naturalismo ‘hard’, isto é, fundado em assuntos científicos”. Nada de mais verdadeiro: hoje a tese cientificista ou – caso se queria – neopositivista – é bem mais difusa de quanto parece à primeira vista.

Como reagir? Nos escritos de Habermas existe a sensibilidade para advertir o perigo do cientificismo, e não a possibilidade de enfrentá-lo. Também ele pertence, de fato, àquela vasta fileira denotada pela vertical pós-metafísica que se condensa na asserção clara e nítida: somente a ciência conhece, todo o resto pode ser interessante sob vários títulos, mas não conduz à verdade. Uma afirmação que quase se tornou um slogan que substitui aquele agora não apresentável, mas repetido por décadas, segundo o qual a mais modernidade corresponde menos religião: um estribilho que representou um verdadeiro maná para sociologias e filosofias de segunda ordem. A este elemento se acrescenta, nos escritos habermasianos, uma oscilação periódica concernente ao papel próprio da religião na civilização, que pode fazer falar de Habermas como de um “alvo móvel”. À pergunta se a religião como fenômeno central do espírito permanecerá ou se desvanecerá sob o constante progredir do esclarecimento, ele não dá uma resposta unívoca: oscila entre um sim e um não. Aqui não se trata mais de negar um potencial de sentido às concepções religiosas do mundo, nem de solicitar aos crentes que motivem suas escolhas civis independentemente de suas convicções religiosas, como pretende a infeliz fórmula de proceder *etsi Deus non daretur* [como se Deus não existisse]. Trata-se do valor em si da religião. Ultimamente Habermas pareceu aproximar-se da posição de Hegel, segundo a qual a religião é essencialmente um fenômeno do passado, do qual a filosofia nada mais tem a aprender, a não ser o ato de determinar precisamente o que é racional ou irracional na fé. Existe um duplo Habermas? **TOP**

Fonte: <http://edsongil.wordpress.com/2008/07/25/perguntas-a-habermas/> 25.07.08

## Bispos da América Latina denunciam tráfico de seres humanos

A secção para a Mobilidade Humana do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) organiza esta semana um seminário para sublinhar o drama do tráfico de pessoas.

No primeiro dia de trabalhos, esta Terça-feira, foi referido que após o tráfico de drogas e o tráfico de armas, este fenómeno tornou-se o terceiro mais rentável do planeta, com o agravante que nesse caso quem é protagonista é a própria vítima.

Segundo o Protocolo que os países-membros da ONU assinaram sobre esta questão, incorre nesse

delito quem quer que atraia a si, transfira ou acolha uma pessoa com o objectivo de explorá-la.

A Igreja na América Latina pretende, entre outras coisas, contribuir para a formação de agentes pastorais que actuem segundo três directrizes: prevenção, solução e atenção às vítimas.

Num documento preparatório, o CELAM ressaltou que o tráfico de seres humanos é um fenómeno muito antigo, que só nas últimas décadas se tem tornado de interesse público. [TOP](#)

Fonte:

[http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia\\_all.asp?noticiaid=63155&seccaoi d=4&tipoid=79](http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia_all.asp?noticiaid=63155&seccaoi d=4&tipoid=79) 07.08.08

## Acompanhamento religioso e social aos imigrantes

*Capelania africana: o trabalho da Igreja numa sociedade em mutação, cada vez mais marcada pela imigração*

Há pouco mais de 20 anos, Portugal não seria considerado um país de imigração. Hoje com quase 400 mil imigrantes em território nacional e várias dezenas de milhar no estrangeiro, Portugal tornou-se simultaneamente num país de emigração e de imigração.

Muitas são as histórias de sucesso e de dificuldades dos migrantes que participam na história do país. A comunidade africana é a mais numerosa e também a mais antiga em Portugal. O Patriarcado de Lisboa dispõe de uma capelania que acompanha de perto a comunidade e com ela desenvolve um trabalho pastoral.

O Pe. Dex-Steve Goyeko é o assistente espiritual da comunidade africana. Em declarações ao programa ECCLESIA, o sacerdote da Congregação dos Espiritanos explica que trabalhar com a comunidade “é uma forma de manifestar a universalidade da Igreja”. Uma comunhão que se exprime através de diferentes formas de mostrar uma religiosidade “a partir das suas raízes culturais”.

O capelão explica que a dimensão religiosa tem “muitos aspectos enraizados na própria cultura dos povos”. O facto de a Igreja permitir o desenvolvimento deste trabalho pastoral “mostra uma abertura a um povo para que possa viver a sua fé, na sua língua de acordo com a sua forma de estar

e ser”. Também como africano e sacerdote, assume ser “um trabalho muito gratificante”.

A comunidade africana é muito marcada pela pobreza. Apesar de há muitos anos implementada em Portugal, o ciclo de pobreza é difícil de romper. As preocupações sociais fazem parte do trabalho da capelania. O sacerdote reconhece que perante o sofrimento das pessoas e não podendo responder à suas necessidades, “somos muitas vezes confrontados com alguma passividade”.

No entanto, as respostas sociais vão aparecendo, como forma de responder às necessidade materiais dos imigrantes africanos. O CEPAC- Centro Padre Alves Correia, uma IPSS da Congregação dos Espiritanos e o Banco Alimentar Contra a Fome são ajudas úteis, a que se somam “por exemplo o trabalho que as assistentes sociais desenvolvem junto das comunidades”, como é o caso do Bairro 6 de Maio, na Amadora.

Quando se sente uma crise económica é às portas destas comunidades imigrantes que as consequências da crise vão bater em primeiro lugar. O Pe. Dex-Steve Goyeko reconhece uma forte ligação entre o imigrante e a sua terra natal. “Quando ganha o seu salário é para enviar para a família, no seu país de origem”. Se a família tiver estabilidade, essa condição vai também ser sentida pelo imigrante. “Uma estabilidade no país significa estabilidade onde o imigrante se encontra”. Uma realidade não particular dos africanos, mas

extensível a qualquer imigrante, independentemente do país em que se encontra.

Outra consequência das migrações são as segundas e terceiras gerações. Pessoas que apesar de portuguesas, mantêm-se ligadas, por laços familiares e culturais, a África, não assumindo uma verdadeira nacionalidade portuguesa ou africana.

“As novas gerações não têm uma ligação directa com o país, ao mesmo tempo que não se integram completamente na sociedade portuguesa”, aponta o capelão. O Pe. Dex-Steve Goyeko reparte este facto pela comunidade africana, mas também pela sociedade portuguesa.

O sacerdote, que acompanha de perto jovens africanos, recorda que muitos, apesar de nascidos em Portugal têm pais africanos e identificam-se como africanos também. “E quando vejo nos documentos, eles são portugueses”. O Pe. Dex-Steve Goyeko dá conta de um confronto interno entre a ligação aos pais e o “não ter ligações africanas, pois nasceu em Portugal”. Esta situação

repete-se “entre cabo-verdianos, angolanos ou guinienses, mesmo sem terem isso a África”. Este é o “mais difícil do trabalho”, aponta, num dia-a-dia que “passa a correr”.

A comunidade africana está espalhada por toda a diocese de Lisboa e o Pe. Dex-Steve Goyeko tem de percorrer várias localidades para estar juntos dos africanos. “Cada comunidade tem os seus problemas particulares a que tenho de atender”.

Os africanos são um povo que convive muito entre si, sendo esta uma forma de integração. O sacerdote participa activamente nas actividades solicitadas que são as mais diversas – acompanhar grupos de jovens, administrar sacramentos, trabalho de catequese ou curso bíblico. “Mas fico feliz por fazer este trabalho. É um tempo ganho porque é bem gasto”, explica, reconhecendo a alegria das pessoas pelo trabalho que desenvolve.

**TOP**

Fonte:

[http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia\\_all.asp?noticiaid=63244&seccaoi d=3&tipoid=79](http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia_all.asp?noticiaid=63244&seccaoi d=3&tipoid=79) 13.08.08

## **Religião deve olhar para causas de migrações, diz arcebispo**

O arcebispo da cidade angolana de Lubango, dom Zacarias Kamuenho, que preside a tradicional Peregrinação do Migrante e do Refugiado na cidade de Fátima, considerou nesta quarta-feira que a “religião verdadeira” deve estar atenta “aos fenômenos que provocam as migrações”.

Na homilia da eucaristia que encerra a peregrinação internacional ao Santuário de Fátima, dom Zacarias Kamuenho considerou que na gênese do fenómeno estão “as alterações climáticas do planeta, a pobreza e a intolerância política”. Considerando que a imigração “não é um fato rotineiro”, o arcebispo de Lubango lamentou que, muitas vezes, essa situação seja “convertida em pesadelo para homens e mulheres do nosso tempo”.

Para o arcebispo de Lubango, a maior dificuldade das migrações é a sensação de pertencer a dois lugares, problema que não encontra “apoio nas próprias comunidades e, por vezes, nas instituições sociais”, contribuindo para que os jovens esvaziem os “seus valores mais sagrados”.

Dom Zacarias Kamuenho disse ainda que a imigração é “uma oportunidade oferecida a quem

busca trabalho e melhorar a sua vida num país que não é o seu, mas também uma oportunidade para o país que acolhe o imigrante ou o refugiado, de repartir os benefícios” que o estrangeiro traz da sua terra natal.

O religioso recordou a mensagem proferida durante o Congresso da Pastoral para os Migrantes, em junho, no Quênia, quando renovou o pedido aos “dirigentes políticos e aos agentes económicos, nacionais e internacionais, de maior atenção para o bem comum”.

“Que a noção da justiça social não seja letra morta, já que o Homem, como tal, é o primeiro património da humanidade”, sublinhou o arcebispo, que considerou que a “caminhada para a cidadania global” implica uma “convivência pacífica, ou seja, o saber viver na diversidade de culturas e de religiões”.

Este trabalho “implica uma pedagogia comum e recíproca”, que se inicia na família e continua na escola, acrescentou o arcebispo de Lubango, concluindo que, só assim, se chega à “maturidade que considera toda a migração como uma dádiva”.

**TOP**

Fonte:

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/lusa/2008/08/13/ult611u79040.jhtm>  
13.08.08

## **Bento 16 pede que católicos lutem contra o racismo**

O papa Bento 16 pediu neste domingo que os católicos ajudem a acabar com a intolerância aos estrangeiros, em meio a uma polêmica que envolve na Itália o governo e uma das principais revistas católicas do país.

Um artigo publicado na revista semanal "Famiglia Cristiana" criticou o governo do primeiro-ministro Silvio Berlusconi pela linha dura adotada para combater o crime. O governo, por exemplo, decidiu enviar o Exército às ruas e irá recolher as impressões digitais de ciganos.

Falando em sua residência de verão, perto de Roma, o papa disse que há sinais preocupantes de racismo em alguns países. Embora não tenha citado nenhum país, analistas acreditam que o papa estava claramente se referindo à Itália.

Ele citou uma passagem do Velho Testamento que fala do dever de dar boas-vindas aos estrangeiros, e disse que a paz e a justiça poderão apenas ser criadas em um mundo em que cada ser humano seja respeitado.

*"Fascismo"*

O artigo da "Famiglia Cristiana" disse que a decisão das autoridades italianas de colocar o Exército nas ruas para combater crimes é "inútil" e fala sobre o renascimento do que qualificou de "novas formas de fascismo".

Na Itália, muitos italianos associam o aumento da criminalidade à chegada de milhares de novos imigrantes ao país. Muitos deles chegam ilegalmente, trazidos de barco, em condições precárias, da África.

O governo do país protestou contra o artigo, e o porta-voz oficial do Vaticano procurou distanciar tanto a Santa Sé quando o clero católico da visão apresentada na revista.

A "Famiglia Cristiana" pertence a uma ordem religiosa católica, é editada por um sacerdote católico e tem uma tiragem de cerca de um milhão de cópias. [TOP](#)

Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u434585.shtml>  
17.08.08

## **Igrejas debatem tráfico de pessoas**

Os participantes do III Encontro "Tráfico de pessoas: o compromisso das igrejas diante da transgressão de direitos", organizado pelo Fórum de Gênero do Conselho Latino Americano de Igrejas (Clai) da Argentina em parceria com o Serviço Ecumênico de Apoio e Orientação a Migrantes e Refugiados (Caref), expressaram preocupação com a "naturalização" desse problema e a dificuldade para dimensionar o padecimento real das vítimas.

O encontro foi celebrado em Resistencia, província do Chaco, dias 4 a 6 de julho. O documento final do encontro enfatizou "a falta de garantias e proteção real para as vítimas do tráfico quando conseguem escapar das redes mafiosas que as captaram".

Para prevenir e combater o tráfico de pessoas é preciso um enfoque amplo e internacional nos

países de origem, do trânsito e do seu destino, aponta o documento.

Os participantes do encontro frisaram a necessidade de pôr em prática todos os instrumentos jurídicos nacionais e internacionais que permitam a perseguição e sanção do delito do tráfico de pessoas. A expectativa é de que o Estado assuma o compromisso de proteger e assistir às vítimas, bem como prevenir o delito.

"Acreditamos no direito à vida plena e livre de todas as pessoas, reafirmamos nosso total repúdio a todas as formas de submissão e escravatura", destaca o documento. Os participantes do encontro esperam que as igrejas se comprometam a sensibilizar os seus membros sobre a problemática do tráfico de pessoas e a fazer seu aporte neste

sentido para a sociedade em seu conjunto, oferecendo espaços de conforto e apoio. [TOP](#)

Fonte: [http://www.conic.org.br/index.php?system=news&news\\_id=724&action=read](http://www.conic.org.br/index.php?system=news&news_id=724&action=read) 11.07.08

## **Solidariedade aos migrantes: nota da CNBB**

Nós, bispos do Conselho Episcopal de Pastoral da CNBB, vemos com apreensão e preocupação a adoção, por países para onde afluem numerosos grupos de migrantes, de medidas que ferem princípios básicos dos direitos humanos dos migrantes e suas famílias.

Sem desconsiderar a complexidade das questões que envolvem o tema, constata-se que há medidas que dão margem a sentimentos xenófobos e fortalecem a criminalização do ato de migrar. Tais medidas podem representar retrocesso no caminho de integração dos povos e da construção de uma cultura de paz. A acolhida à diversidade cultural, religiosa e social é condição fundamental para o estabelecimento da justiça e da paz.

Os movimentos migratórios são fatores de desenvolvimento humano e social. O migrante leva consigo sua força de trabalho, a riqueza da sua cultura, seus valores, sua religião. Espera por novos horizontes na terra que encontra como segunda pátria. Para o migrante “a pátria é a terra que lhe dá o pão” (Scalabrini, 1898). A busca de condições dignas de vida move, no mundo globalizado e desigual, milhões de migrantes em direção aos países mais desenvolvidos. Muitos países já não podem prescindir da contribuição dos imigrantes como mão-de-obra em áreas específicas do mercado de trabalho.

Países que atualmente restringem a entrada de migrantes são os mesmos que outrora assistiram a emigração em massa de seus cidadãos. Aqueles que no Brasil aportaram, foram acolhidos e, gradativamente, integraram-se à sociedade local, contribuindo na construção da identidade e cultura nacionais.

Os valores humanos e cristãos da solidariedade e fraternidade têm primazia sobre as leis da economia e do mercado. No contexto mundial atual, os países devem encontrar formas adequadas e justas de acolher o estrangeiro, integrando os imigrantes como protagonistas de um novo momento para humanidade. Ao mesmo tempo, os países geradores de fluxos migratórios empenhem-se em proporcionar condições dignas de vida e perspectivas de futuro aos seus cidadãos.

Repudiamos medidas que criminalizam os migrantes. Muitas vezes, o tratamento dado aos migrantes é injusto e humilhante, envolvendo detenção e prisão, perda da moradia, do emprego e dos bens, separação dos cônjuges e dos filhos. A vergonha da expulsão pode impedir até mesmo a volta à família de origem.

Manifestamos nossa solidariedade a todos os migrantes, aos brasileiros e brasileiras no exterior, e, de modo especial, aos que se encontram em situação de maior vulnerabilidade, com dificuldade de obter a documentação de permanência, vivendo e trabalhando em clima de insegurança e medo.

Apelamos aos países e à comunidade internacional que implementem medidas para cessar as guerras, superar a fome e a miséria, eliminar as desigualdades sociais, e que adotem “uma política migratória que leve em consideração os direitos das pessoas em mobilidade” (DAp 414). Diante da palavra de Jesus “Eu era estrangeiro e me receberam em sua casa” (Mt 25,35), rogamos que prevaleça a solidariedade, baseada nos princípios da dignidade da pessoa, da proteção dos direitos humanos e da fraternidade universal. [TOP](#)

Fonte: [http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop\\_publish/?tac=539](http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/?tac=539) 21.08.08

## **Semana do migrante**

De 15 a 22 de junho, nesta próxima semana, a Igreja no Brasil promove a "Semana do Migrante". Sua

intenção é incentivar ações em favor dos migrantes e chamar a atenção para a realidade das migrações, com as advertências que trazem.

O tema da Semana costuma incidir a mensagem da Campanha da Fraternidade sobre o fenômeno migratório. Daí a formulação deste ano: migração, vida e direitos. Está na cara o recado central: nas migrações, o que está em causa é a vida.

Os migrantes procuram sua sobrevivência. Aí reside todo o respaldo jurídico que precisa orientar o equacionamento dos complexos problemas suscitados pelo fenômeno migratório, que assume hoje feições globais.

É a sobrevivência que motiva os cortadores de cana a saírem de suas comunidades, no Nordeste ou em Minas, para virem ao estado de São Paulo enfrentar as duras condições de trabalho que os aguardam.

É também a sobrevivência que leva hoje muitas pessoas a procurar os países do norte. Só nos Estados Unidos se calcula que sejam doze milhões, número difícil de precisar, pois a ilegalidade muitas vezes impede os imigrantes até de constar oficialmente das estatísticas.

A Europa Ocidental, que por tradição sempre foi ponto de partida de grandes levadas migratórias, está fechando cada vez mais suas fronteiras, na tentativa de impedir a entrada de imigrantes que forçam a barra de todos os lados, vindos especialmente da África, da América Latina e do Oriente Médio.

Justo na Semana do Migrante, no dia 18 deste mês de junho, o Parlamento Europeu vai votar um projeto de lei denominado "Diretiva de Retorno", que faculta aos governos a detenção e a expulsão dos imigrantes ilegais em seus países.

Para dar-nos conta da dureza deste dispositivo legal, basta conferir alguns dos seus tópicos. Por esta lei, os governos poderão efetuar a detenção, até por 18 meses, dos imigrantes não regularizados; a detenção de menores, ainda que por um período "tão breve quanto possível", à revelia de todos os direitos de

proteção da criança; e a proibição dos imigrantes expulsos de regressarem à Europa num prazo de cinco anos.

Tudo isto enquanto a Europa está promovendo o "Ano Europeu do Diálogo Intercultural". Em princípio, um ano para perceber quanto às migrações poderiam propiciar um intercâmbio cultural enriquecedor, seja para as populações locais como para os imigrantes que chegam de outros lugares. Mas, ao contrário disto, enquanto na teoria se diz uma coisa, na prática se faz outra.

O endurecimento legal revela teimosia em não enfrentar as causas das migrações. E faz pressentir enfrentamentos maiores, que apontam para a necessidade de reformulação mais profunda no convívio da humanidade.

Nesta perspectiva, a Semana do Migrante deste ano, celebrada em plena eclosão da crise de alimentos, e no contexto de impasses na economia mundial, nos ajuda a perceber a urgência de reencontrar o equilíbrio e o bom senso. Para olharmos juntos o planeta terra, e fazer dele não um território de disputa predatória dos seus recursos, mas de otimização das condições de vida da humanidade, junto com a preservação da vida da própria terra.

Em termos próximos à Diocese de Jales, a realidade migratória vai tomando rosto bem definido com a chegada do contingente populacional que vem para o cultivo da cana.

Em nossa assembléia diocesana, prevista para o início de julho, não pode faltar a disposição de acolhermos estas pessoas, implantando em nossas comunidades a Pastoral dos Migrantes. D. Demétrio Valentini é bispo de Jales.

Fonte: <http://www.correiocidadania.com.br/content/view/1947/47/>  
16.06.2008

## ENGLISH

### **Churches encourage the European Union to a much broader approach in employment policies**

*On the eve of the meeting of the Council of the European Union on Employment, Social Policy, Health and Consumer Affairs, representatives and experts of the Churches in Europe discussed with the European institutions the modernisation of European employment policies, which shall provide a mutually supportive combination of security and flexibility, called "flexicurity". The Churches stressed the need for a much broader approach in European employment policies.*



Vladimír Špidla, Commissioner for Employment, Social Affairs and Equal Opportunities explained that flexicurity gives opportunity to protect workers on the labour market, to promote equal work opportunities between men and women, strengthening family life and fighting against poverty. Špidla underlined that the main aim of flexicurity is not merely to protect workers against precarious situations but to protect human dignity. Flexicurity is focused more on society than on the labour market. This concept, as highlighted by Stefan Lunte Assistant Secretary General of the Commission of the Bishops' Conferences of the European Community, is rooted in the tradition of the Churches. In the socio-political arena it should be measured by the degree of progress made for the weakest participants in the labour market.

Rüdiger Noll, Director of the Church & Society Commission of the Conference of European Churches explained that the suggested employment policies depend on a very high level of mutual trust, which makes it necessary to involve all groups in society, not only employers and trade unions but also churches and diaconal organisations. He also said that churches are concerned about the increasing segmentation of the labour market, with more and more precarious employment situations and the growing marginalisation of specific groups, such as long term unemployed, less skilled people or people with a migration background.

Commissioner for Education and Culture, Ján Figel, stressed that education can contribute to make the flexicurity initiative successful in all the countries and regions of the EU.

Professor Gerhard Wegner, director of the Social Sciences Institute of the Evangelical Church in Germany, in the Dialogue Seminar explained that the institutions of society (social security offices, job centres, youth departments etc.) must propose stronger empowerment approaches in order to improve opportunities for people to participate in society, particularly in the labour market.

Bishop Ludwig Schwarz SDB of Linz launched an appeal to protect the free Sunday as a cultural heritage of Europe and underlined that the human being is not only created as an individual but also open to community. "Only free time shared with others gives human beings in their relationships to others its full dignity."

MEP Jacek Protasiewicz expressed the expectations that churches help people find their way in the modernised labour market and to face its changes (the importance of life long learning). He also said that it is important to strengthen the ethical dimension of the relations between employees and employers.

Ms Bozica Matic from the Permanent Representation of the Slovenia to the EU said that it is a time to start to implement flexicurity and to put it into practice together with all stakeholders including churches and religious communities.

The dialogue between Churches and EU Institutions took place in the present of the social partners, represented by Bussineseuropa (UNICE) and European Trade Union Confederation (ETUC) who offered their opinion as to how to implement the concept of flexicurity.

Recognising that globalisation, demographic, technological and labour market developments are challenging Europeans to reflect on more flexible labour market and measures for increased protection of the social rights of employees, the Dialogue Seminar concluded that whilst recognising the achievement of common principles on flexicurity there is a still a long way to go in order to translate commonly shared values into concerted policies. The dignity of the human being and protection of the most vulnerable in the labour market must be the starting point of the implementation measures.

[TOP](#)

Fonte:

[http://www.comece.org/comece.taf?\\_function=search&\\_UserReference=555F9BCED10C92C548B2B2F9&id=1](http://www.comece.org/comece.taf?_function=search&_UserReference=555F9BCED10C92C548B2B2F9&id=1) – 29.02.2008

## **Expert Urges More Help for Christian Minority in Iraq**

*DW-WORLD.DE spoke with Middle East expert Kamal Sido about the fate of the Christian minority in Iraq after EU ministers this week dropped calls to take in more Iraqi refugees.*

The UN Refugee Agency (UNHCR) estimates 2 million Iraqi refugees are living abroad, mostly in neighboring Jordan and Syria. More than 2.5 million are internally displaced. The UNHCR has long lobbied the EU to take in more Iraqi refugees.

In April this year, German Interior Minister Wolfgang Schäuble urged European countries to do more to provide shelter to Christian Iraqis who have fled the country to avoid ethnic strife after the 2003 war. But Iraqi Prime Minister Nuri al-Maliki, on a visit to Berlin earlier this week, urged Germany to abandon this initiative. He said security in the country had improved and refugees were needed to rebuild the nation.

DW-WORLD.DE spoke with Kamal Sido of the Society for Threatened Peoples in Goettingen about the troubles faced by the Christian minority in Iraq and their future in the country.

#### **DW-WORLD.DE: What's the current situation of Christians in Iraq?**

*Kamal Sido:* Christians in Iraq, the Chaldeans, the Syrian Orthodox Church and the Assyrians, are doing really badly especially since the US-led invasion of 2003. The three big religious groups, the Shiites, Sunnis and the Kurds in the north have virtually declared their independence and have their own militias. The Christians, on the other hand, don't live in a compact area, they don't have their own militias, they've been caught in the crossfire and can't defend themselves. The same goes for other minorities such as the Kurdish Yazidis, the Shabbak or the Mandians.

#### **How have the everyday lives of Christians in Iraq been affected?**

They're directly threatened by violence, death, rape and persecution, their churches are blown up, young people are abducted even by simple criminals who demand a ransom for it. There's a prejudice in Iraq that the Christians are wealthy and that you can squeeze out ransom money from them. But mostly, the people are killed in the most gruesome ways.

#### **Why are the Christians persecuted?**

Every ethnic group or religious community in Iraq is making efforts to keep "clean" the area in which they live. The Sunnis want to keep to themselves,

the Shiites too, and that's why there are persecutions. In addition, Islam in Iraq has been radicalized since 2003. In the meantime, international terrorists such as al-Qaeda are now cooperating with local groups. All that has led to an anti-Christian atmosphere. The Christians are accused of collaborating with the Americans. But that's not true. If there's anyone working together with the Americans, it's the Kurds in northern Iraq, not the Christians in Baghdad or Mosul.

#### **What's changed since the American invasion?**

At the beginning of the Iraq war, a million Christians lived in Iraq; today there are just 350,000 in the country, which means more than half have left. They've gone to Jordan, Syria and the Kurdish regions of northern Iraq. And those who have money go to Europe.

#### **Does that mean Christians actually fared better under Saddam Hussein?**

I wouldn't say that but many led a more inconspicuous life. But when Christians were politically active, they were oppressed just like other minorities. The Chaldeans and the Assyrians suffered as much as the Kurds at the time. Their villages too were the target of gas attacks by Saddam Hussein.

#### **How do you see the future of Christians in Iraq? Do you think they will be any there in the future?**

The Society for Threatened Peoples has repeatedly drawn attention to the topic. We've put together a three-phase plan: firstly all refugees who come to Germany should be taken in and without a lot of red tape. And those refugees who are already here should not be deported back to Iraq. Secondly, we want help for the Christian refugees in Syria and Jordan if we don't want to see an almost 2000-year history go up in smoke. And thirdly, we need to offer help on the ground -- especially in the Kurdish regions on Iraq and in the so-called Niniveh region, northeast of Mosul, where the Christians largely live. [TOP](#)

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,3510497,00.html>  
26.07.08

## World Council of Churches: “The Changing Ecclesial Context: Impact of Migration on Living Together”

Migration is a fact of life. It is as much an instinct to survive as it is an inevitable consequence of globalisation. We can neither turn our backs on it, nor control it. It will have decisive consequences for the world as we know it and a massive impact on the church and the ecumenical movement both at the local, regional and global levels. We need not, however, react with hysteria and fear. Migration is as much a part of who we are as it is a part of the history that has shaped us.

However, if states continue to speak only of ‘migration’ and not ‘migrants’, then migrants will continue to be exploited as nothing more than cheap labour for factories or slave labour for construction sites. If populist politicians and media outlets continue to brand migrants and refugees as ‘illegals’, ‘aliens’, ‘queue jumpers’ and ‘bogus’ asylum seekers, then migrants will continue to suffer from the racist, discriminatory and xenophobic undercurrents in every society. If we as churches only see migrants as victims, then we undermine their strengths and their resilience. If source countries only consider emigration as a loss – a brain drain – then migrants will be discouraged from returning and the potential ‘brain gain’ will be lost.

Lebanese representatives stressed the fact that the migration of Lebanon’s youth affects all Lebanese people and that to address the phenomena of Lebanon’s loss of educated youth, all facets of Lebanese society must come together to share their perspectives and articulate a vision for the future of Lebanon.

A reoccurring theme throughout the Hearing, and one that was keenly felt, was the impact of migration on the Christian presence in the Middle East.

Much of the public debate about migration is couched in terminology which is loaded and derogatory. People trying to enter another country are vilified as “illegal immigrants”, “gate-crashers”, “queue-jumpers”, and even as “invaders” seeking to breach the defences of a country with malicious intent. The clear implication is that they are “abusing the system” and “exploiting our generosity” and ought to be punished and deterred, with strong-armed politicians leading the public charge. But

they also create the impression that migrants have no right to enter, and indeed, no rights at all, justifying harsh detention centres, deportations and the like. Adding to this, the September 11 attacks in the USA not only encouraged the demonising of migrants by labelling them as security threats, but also made it less likely that people will stick their neck out to defend migrants. Yet this demonisation and scaremongering only perpetuates a vicious cycle, driving migrants back into their communities for protection, and making it harder for them to integrate.

Given their precarious legal position in the host country, irregular migrant workers easily fall prey to extortion and are highly vulnerable to abuse and exploitation by unscrupulous employers, migration agents and labour brokers, corrupt bureaucrats and even criminal gangs. Those committing such abuses – including human traffickers, sweat shop and brothel owners - know that they will rarely be held to account as irregular migrants fear drawing official attention to themselves, as they may risk arrest or deportation, and are thus reluctant to turn to the authorities to enforce respect for their rights. Indeed, it is the very fact that irregular migrants are vulnerable and that perpetrators are unlikely to be held accountable that allows, and even encourages, the crime and corruption states wish to combat. The same crimes that are so commonly blamed on the presence of ‘foreigners’.

While we continue to only see the impact of migration in narrow terms, we will fail to come to grips with the economic potential of migrants; the role remittances play in supporting families, stabilising countries during emergencies, and providing the vital capital needed for developing economies.

Beyond hospitality, however, the churches must be a strong advocate and defender of the rights of people to move freely within their own nations and when driven by poverty, insecurity and persecution, to leave their homes in search of their God given right to life with dignity.

The church has a responsibility to ensure that public opinion is properly informed on the root causes of migration and the factors that force people to leave their homes. We must confront racism, discrimination and xenophobia wherever

and whenever it manifests itself; in churches, in our communities and our nations.

Migrants are not commodities, illegal aliens or mere victims. They are human beings. Migrant rights are human rights. We must respect the human dignity of every migrant and give holistic consideration to their needs, their strengths and the economic, social and cultural contributions they make to society. Above all, we must stand in solidarity with migrants and migrant churches, accompany them and include them in the decision-making that effects and governs their lives.

Throughout this Hearing, participants were challenged by the complexities and sheer scale of migration, but they were heartened by the good will and common goals shared by Christian and Muslim leaders, and Lebanon's Islamic and Christian communities. We call upon the churches to not only recognise the need to collaborate with other faiths, but were challenged to deepen and strengthen inter-faith dialogue and cooperation on migration.

The Public Hearing, which was hosted by the Middle East Council of Churches, brought together the World Council of Churches, Churches Commission for Migrants in Europe, the All Africa

Conference of Churches, the Christian Conference of Asia, the National Council of Churches in Australia, the Initiative for Justice and Peace, CAIROS, Canada, and representatives from Church World Service, Church of Sweden, Christian World Service Australia. Open to the public it drew participation from young Christians in the Middle East, researchers, professors from the Middle Eastern University, politicians and diplomats, civil society and community organisations.

The Public Hearing on Migration and the Changing Ecclesial Landscape in Beirut, Lebanon, was the first of eight hearings on the Migration, which will take place over the next few years in different regions of the world. It was followed by a two-day meeting of the Global Ecumenical Network on Migration, which brings together regional ecumenical organisations, churches and Christian humanitarian organisations working on migration issues around the globe. [TOP](#)

Fonte:

<http://www.oikoumene.org/es/documentacion/documents/programas-del-cmi/justice-diakonia-and-responsibility-for-creation/migration/16-04-08-the-changing-ecclesial-context-impact-of-migration-on-living-together.html> 16.04.08

## **US Bishops: Immigration Laws Hypocritical**

*Say System Perpetuates Class of Workers Without Rights*

U.S. bishops are telling the government that its immigration laws are hypocritical because they do not protect the rights of workers.

Bishop John Wester of Salt Lake City, chairman of the episcopal conference's Committee on Migration, criticized immigration laws in a Feb. 7 statement sent after both houses of Congress approved an economic and stimulus package that included language to prohibit undocumented immigrants from receiving tax rebates.

"The decision to prohibit undocumented immigrants from receiving tax rebates in the stimulus bill highlights the injustice in our immigration system," he wrote. "It proves that these workers pay into the tax system and help support our economy. It also reveals the hypocrisy of our laws. With one hand our government attempts to deport these workers, but with the other it holds tight the taxes they pay into the system. This perpetuates an underclass of workers without full rights.

"We should not accept the fruits of the labor of these workers at the same time we refuse to provide them the protection of our laws. As a democratic and free nation protective of human rights, we cannot have it both ways. Congress must mend a broken system and show the courage to enact comprehensive immigration reform."

Bishop Wester and Bishop Jaime Soto, coadjutor bishop of Sacramento and chairman of Catholic Legal Immigration Network also sent a letter Feb. 11 to Michael Chertoff, secretary of Homeland Security, expressing concern regarding Immigration and Customs Enforcement's intensified enforcement activities and the protocols followed for such actions.

"Although ICE has recently issued guidance regarding worksite enforcement operations, we believe that the guidance falls short of what is necessary," said the bishops in the letter.

They urged the enforcement agency to adopt further measures, including refraining from conducting enforcement activities in certain areas, such as at or near churches, hospitals, community health centers, schools, food banks, or other community-based organizations that provide charitable social services; suspending immigration enforcement activities in the wake of natural or

man-made disasters; facilitating access to legal counsel and avoiding the transfer of individuals outside the community; and implementing mechanisms for locating family members detained as a result of enforcement actions. [TOP](#)

Fonte: <http://www.zenit.org/article-21778?!=english> 14.02.08

## **México: Bishops Urge Respect for Humanity of Migrants**

*Not "Delinquents," But "People Seeking a Better Way of Life"*

The bishops directly affected by immigration in the Americas are asking that the human dignity of migrants be respected.

This was one of the appeals that came from a meeting of episcopal conferences held in Tijuana. The conference, which ended June 19, gathered representatives of bishops' conferences from Mexico, the United States, Central America and the Caribbean.

Archbishop Christopher Pierre, apostolic nuncio in Mexico, recalled that during Benedict XVI's April visit to the United States, the Pope stressed the importance of the issue of migration. The nuncio recalled how the Holy Father mentioned that the Church and society have experienced changes due to the presence of Hispanic immigrants.

The Church cannot be indifferent to such facts "and must integrate them in her vision to respond to the challenges," noted Archbishop Pierre.

The papal representative appealed to the Catholic community to support migrants in various ways, acknowledging that the Church cannot have all the solutions.

During the meeting, Auxiliary Bishop Gustavo Rodríguez Vega of Monterrey, president of the Mexican episcopate's Commission for Social Pastoral Care, noted, "There have always been migrants and there always will be, but we are referring to a very concrete problem of recent times in which the violation of the human rights of migrants and their families has worsened."

He explained that these violations happen not only among Mexican migrants, but also among those from Central America and the Caribbean, "who seek to escape from their places of origin and find a better life by going to the United States."

"On this path, they meet with all sorts of dangers, but also abuse of their human rights. This causes us great concern," emphasized Bishop Rodríguez Vega.

At a press conference, Archbishop Rafael Romo Muñoz of Tijuana, an official of the Mexican episcopate's Section for Human Mobility, acknowledged that one of the main problems on the border with the United States is the violation of migrants' human rights.

But he called attention to another, parallel problem.

"Being on this border with the United States, much attention is paid to the treatment that Mexicans receive at the hands of North American authorities, but not so much attention is paid to Mexicans' treatment of migrants from Central America, the Caribbean and South America, who suffer terribly," he stressed.

"We would like our migrants to be regarded with greater humanitarian sensitivity," the archbishop affirmed. "We have already said many times that these are people seeking a better way of life, who in no way are delinquents. What impels them is the need to be able to provide a better way of life for their families." [TOP](#)

Fonte: <http://www.zenit.org/article-23033?!=english> 26.06.08

## Anglicanism: Christians have duty to witness to their faith, says Bishop Nazir-Ali

*Bill Bowder*

BRITAIN's destiny depends on Christianity, the Bishop of Rochester, Dr Michael Nazir-Ali, said this week, in an article published the day after he responded to questions on a General Synod motion that has called for Christians to evangelise British Muslims.

The private member's motion, by Paul Eddy, who is training for the priesthood, called on the Church to proclaim Christianity as the only route to ultimate salvation. Mr Eddy said he had been under pressure to withdraw his motion.

"What I have said to journalists regarding the Paul Eddy motion is that we need to respect people of all faiths and none," Dr Nazir-Ali said on Tuesday. "In the context of our dialogue with them, it is our duty to witness to our faith and to call people to faith in Jesus Christ, whilst recognising that people of other faiths may have similar responsibilities." The Christian faith was the basis for welcoming people into the life of the nation, he said. "There cannot, however, be an honest conversation on the basis of fudge."

On Wednesday, the Bishop helped launch a new magazine, *Standpoint*, in which he warned that the days of separating religion and public life were over.

"The Westphalian consensus is dead," he wrote in his article, "A Christian Britain in a plural world?" He was referring to the 17th-century agreement that a

country's religion would not again be the grounds for going to war, and which ended the conflict in Europe between Roman Catholics and Protestants.

"We are now in a global context where we will not be able to escape the questions raised by faith for public life," the article continues. If Britain was to be prevented from wandering too far from the path of its national destiny, then it needed to understand the central part that the Christian faith had played, and still played, in what it achieved.

"In a plural, multifaith, and multicultural situation, it can still provide the resources for both supporting and critiquing public life in this country," the article says. Christianity had once united England, and had created a "golden chain" of social harmony under God. That Christian consensus had dissolved, and left a moral and spiritual vacuum into which radical Islamism was moving.

"What resources do we have to face yet another ideological battle?" the Bishop asks. Only the restoration of Christian faith and discourse at the heart of the country's common life was "robust" enough to re-establish the core British values of human dignity, equality, freedom, and a safe and peaceful society, he concludes. [TOP](#)

Fonte: <http://www.anglican-mainstream.net/2008/05/30/christians-have-duty-to-witness-to-their-faith-says-bishop-nazir-ali/> 30.05.08

## Church of England accused of censoring debate on Islam

The Church of England has been accused of censorship for shelving a controversial debate about Islam.

A meeting of the Church's "parliament" was due to discuss whether clergy should be doing more to convert British Muslims to Christianity.

The sensitive issue was highlighted last week by a senior bishop who accused Church leaders of failing to reach out to other faiths, and warned that radical Islam is filling a gap in society caused by the decline of traditional Christian values.

But now the Church has put off the debate on recruiting Muslims until next February at the earliest

and will discuss the promotion of churches as tourist attractions instead.

Paul Eddy, a lay member of the General Synod, said his Private Members' Motion should have been on the agenda at next month's meeting in York as more than 100 other members had supported it including three bishops. He believes it has been shelved because it would have shown up wide divisions in the Church over its attitude to converting believers in other faiths, at the same time as it faces schisms over the appointment of women bishops and homosexuality.

The debate would have taken place just 12 days before the once-a-decade summit of Anglican bishops, the Lambeth Conference. It would have

piled more pressure on the embattled Archbishop of Canterbury, who earlier this year sparked a storm by claiming some parts of Islamic law would be adopted in Britain.

Mr Eddy said yesterday (tue): "I think they're censoring it on theological grounds and because of the timing. "Ten days before Lambeth there would be lots of bishops who would not be comfortable voting on the uniqueness of Christ.

"I believe after the Archbishop's comments on Sharia he would know there would be such press interest in it." He went on: "From the telephone calls and emails I have received, people feel very aggrieved that, at this particular time in the church's history, Synod was not given an opportunity to be debate evangelism.

"Now that Synod has electronic voting, it would have been very easy to show how many of our bishops believed in the uniqueness of Christ as the only means of salvation, something which would have shown the division on orthodox views in the House."

Mr Eddy believes Christ himself ordered all Christians to actively recruit nonbelievers and followers of other faiths, but that many bishops now downplay this missionary role. He fears by eroding the central place of Christianity in Britain, everything the country stands for is "up for grabs".

His motion called on church leaders to clarify their strategy on whether they think Muslims and

believers in other religions should be actively converted to Christianity in modern Britain.

Mr Eddy's concerns echo those of the Bishop of Rochester, the Rt Rev Michael Nazir-Ali, who last week said Church leaders had "gone too far" in their sensitivity to Muslims and had not done enough to spread the word of God. He put forward a striking account of how the cultural revolution of the 1960s had destroyed Christian values and Britishness, creating a "moral vacuum" which extremist Islamic groups are now exploiting.

A spokesman for the Church of England insisted the debate on the missionary role of clergy had only been dropped because the other Private Member's Motion had more signatures.

He said: "Owing to time constraints, the Business Committee has been able to schedule only one such motion for July, on the subject of Church Tourism, which heads the list in terms of the number of signatures from members."

Yesterday the Archbishop announced he had held a meeting in London with representatives from 40 Christian groups from around the world to discuss how to strengthen ties with Muslims.

Dr Rowan Williams said: "It has, I think, renewed for us all the significance of the church's work in this area of cooperation with other faiths for the sake of peace in our common home." [TOP](#)

Fonte: <http://www.anglican-mainstream.net/2008/06/04/church-of-england-accused-of-censoring-debate-on-islam/> 04.06.08

## ESPAÑOL

### Acoger al extranjero no es algo facultativo, dice el CMI

*"La migración es un hecho de vida. Es tanto un instinto de supervivencia como una consecuencia inevitable de la globalización. No podemos volverle la espalda, ni controlarla", afirmaron en una declaración los participantes en la Reunión pública de información y debate sobre la migración y el cambiante panorama eclesial, celebrada en Beirut, Líbano, los días 15 y 16 de abril. "Los migrantes no son productos comerciales ni extranjeros ilegales ni meras víctimas, son seres humanos."*

En todo el mundo se dan casos de personas que dejan sus países de origen buscando seguridad, libertad o una vida mejor. Esos flujos migratorios constituyen un desafío para las iglesias, ya que los migrantes traen sus propias tradiciones y valores a las parroquias locales o crean sus propias comunidades religiosas. Al mismo tiempo, las iglesias tienen que vivir de acuerdo a su mandato

de actuar y hablar en favor de los débiles cuando se persigue a los migrantes y refugiados. Estos fenómenos mundiales y la forma en que se desarrollan en Oriente Medio fueron el objeto de la reunión de información y debate.

"Acoger al extranjero no es algo facultativo para los cristianos. Tampoco es algo sujeto a condiciones", afirmó el secretario general del Consejo Mundial de

Iglesias (CMI) pastor Dr. Samuel Kobia dirigiéndose a la reunión el día martes. La iglesia debería intensificar su hospitalidad en una "era de nuevas formas de migración", a la vez que actuar como "abogada y defensora del derecho de las personas a desplazarse libremente dentro de su propia nación y abandonar su patria y vivir en otros lugares tratando de disfrutar del derecho a una vida con dignidad que le ha dado Dios", añadió.

Recordando ante la reunión a los 54 birmanos que murieron la semana anterior asfixiados en un camión que debía pasarlos clandestinamente a Tailandia, el secretario general de la Conferencia Cristiana de Asia, Dr. Prawate Kid-arn, pidió una actitud positiva para con los migrantes. "La migración es una expresión valiente de la voluntad de las personas de superar la adversidad y vivir una vida mejor." Para Kid-arn, "la forma más eficaz de evitar el tráfico de personas es proporcionar canales legales para la migración y empleos que cumplan las normas nacionales".

Esta apreciación fue respaldada por Doris Peschke, secretaria general de la Comisión de Iglesias para los Migrantes en Europa, quien calificó de "contradictoria y ambigua" la política de migración y asilo aplicada por la Unión Europea. Peschke citó el ejemplo positivo de la migración interna dentro de la UE que es enfrentada "no con leyes sobre extranjeros, sino con programas sociales y de integración", añadiendo que es ésta "la respuesta necesaria también para los nacionales de terceros países".

### **Migración en el Líbano**

Líbano, y Oriente Medio en general, son a la vez lugar de origen y de destino de trabajadores migrantes y refugiados. Representantes de la sociedad civil local hicieron una notable aportación a la reunión y, en la recepción inaugural, dirigentes de las seis comunidades musulmanas y cristianas más numerosas del país presentaron el Líbano como una sociedad religiosamente pluralista y se comprometieron a afrontar juntos el problema de la migración.

"Es preciso detener la emigración de cristianos. Los cristianos deben volver", dijo a la reunión el profesor Ibrahim Shamseddine en una sesión sobre los efectos del proceso de paz en Oriente Medio - o

de la falta de dicho proceso - sobre la migración. "Adopto esta actitud no porque soy un moderado, sino porque soy un fundamentalista, ya que defiendo los fundamentos no violentos del Islam."

Estudiantes cristianos libaneses expresaron firmemente su apego a su país en un contexto donde los graduados universitarios se plantean la pregunta 'Qué hago yo aquí' Como dijo Nayiri Kalaydijan, estudiante en la Universidad de Haigazian, "la sociedad libanesa más que un crisol es un plato de Tabulé, en el que los diversos ingredientes crean una mezcla succulenta".

La inmigración al Líbano, especialmente de trabajadoras domésticas, resultó un tema controvertido. Mientras que un nacional de Sri Lanka participante en la reunión denunció el trato que las autoridades de inmigración dan a los trabajadores asiáticos, un funcionario explicó que la autoridad libanesa de inmigración es la primera de la región en ilegalizar el uso de violencia por parte de los funcionarios contra los extranjeros detenidos.

El Dr. Ray Jureidini, profesor de estudios sobre migración forzada y refugiados en la Universidad Americana de El Cairo, que había presentado su investigación sobre la cuestión de los trabajadores domésticos migrantes en Líbano, estuvo de acuerdo en que se habían logrado notables progresos en el trato a los migrantes y destacó la influencia positiva de la organización católica Caritas en los centros de detención.

Los temas suscitados en la reunión pública de información y debate se plantearán los días 17 y 18 de abril en una reunión de la Red Euménica Mundial sobre Migración (REM), en la que participarán organizaciones euménicas regionales, iglesias y organizaciones cristianas dedicadas a este problema en todo el mundo.

Tanto la reunión pública de información y debate como la reunión de la REM han sido organizadas conjuntamente por el CMI y el Consejo de Iglesias de Oriente Medio y son hospedadas por el Catolicosado Armenio de Cilicia en Beirut, Líbano.

**TOP**

Fonte: <http://www.oikoumene.org/es/novedades/news-management/a/sp/article/1722/acoger-al-extranjero-no-e-1.html>  
18.04.08



## Líderes religiosos denuncian abusos a inmigrantes Iowa

Dirigentes religiosos denunciaron este jueves abusos contra inmigrantes latinos en Iowa por parte de empleadores y autoridades federales, y pidieron una investigación sobre la presunta "explotación" de estos trabajadores.

Los religiosos, en nombre de la organización Cristianos por una Reforma Inmigratoria Completa (CCIR, en inglés), indicaron que "los recientes caso de explotación y malos tratos de los trabajadores del frigorífico Agriprocessors resaltan la imperiosa necesidad de una reforma migratoria".

A la vez, denunciaron "casos de abuso en contra de trabajadores inmigrantes que participaron de la limpieza luego de las recientes inundaciones en Iowa".

"Las leyes de reforma migratoria murieron en el Congreso, pero el tema no está muerto. El actual sistema migratorio está quebrado. Las familias siguen en peligro, los trabajadores siguen siendo explotados y la frontera no es más segura que antes", sostuvo Patty Kupfer, coordinadora de la campaña de CCIR, en rueda de prensa telefónica con los medios.

Junto a Kupfer estuvieron Catherine Quehl-Engel, capellán del Colegio Cornell College en Mt. Vernon, Iowa; el obispo Alan Scarfe, de la Diócesis Episcopal de Iowa; el obispo Steven L. Ullestad, del Sínodo de Iglesias Evangélica Luteranas de América del Noreste de Iowa; y el obispo Gregory Palmer, de la Conferencia de Iowa de la Iglesia Metodista Unida.

Scarfe, nacido en Inglaterra y con estudios y servicios en varias denominaciones cristianas, llegó a Iowa en 2002 e inmediatamente comenzó su defensa de los derechos de los inmigrantes y afirmó que todas las personas, sin importar su estatus "deben ser tratados con equidad según las leyes vigentes".

"Creo que estos principios no se cumplieron ni en la reciente redada en Postville ni en la redada de Marshalltown en diciembre del 2006. También nos preocupa el hecho que se negó el acceso de abogados e incluso de pastores y sacerdotes a los inmigrantes detenidos, que de esa manera no recibieron la ayuda necesaria", dijo.

"Ver a fuerzas del gobierno arrestar posiblemente a muchos inocentes -porque no hay forma de conocer cada caso- y hacerlo sin medir las

consecuencias de esas acciones en la comunidad hispana, especialmente los niños, revela los valores equivocados de un pueblo que tanto insiste en que la libertad es su prioridad", agregó.

Los dirigentes de CCIR pidieron que el Congreso investigue la redada que el Servicio de Inmigración y Aduanas (ICE) realizó en Postville el pasado 12 de mayo y que dejó a casi 400 personas detenidas, la mayoría inmigrantes guatemaltecos que trabajaban en el frigorífico Agriprocessors, el mayor empleador de esta localidad.

De los arrestados, unas 300 personas fueron procesadas y el resto quedó en libertad condicional por razones humanitarias.

Dos semanas después del operativo, casi todos los detenidos se habían declarado culpable de distintos delitos (como robo de identidad y uso de documentos falsos), por lo que las autoridades federales comenzaron su proceso de deportación.

"La redada en Agriprocessors separó a los padres de sus hijos y criminalizó a los trabajadores inmigrantes, mientras que ninguno de los ejecutivos del frigorífico está siendo investigado o ha sido acusado del incumplimiento de las leyes laborales que fue precisamente lo que llevó a la intervención del Gobierno federal", puntualizó Kupfer.

"De la misma manera, los equipos de limpieza (la mayoría trabajadores inmigrantes) que llegaron a Cedar Falls después de las recientes inundaciones debieron trabajar en condiciones injustas, poniendo en peligro su seguridad y sin respetarse sus derechos humanos", agregó.

Según Kupfer, los tres obispos cristianos de Iowa y otros dirigentes religiosos de este estado "recorrieron personalmente las zonas afectadas por las inundaciones y escucharon directamente los testimonios de las inaceptables condiciones de trabajo".

El problema, según Kupfer, es que "no existen respuestas fáciles a esta situación" debido a que "la mayor parte del debate público sobre inmigración se ha transformado en retórica intolerante y en acusar a los inmigrantes indocumentados".

CCIR agrupa a distintas organizaciones y grupos cristianos, de todo el espectro político y teológico, para promover la reforma migratoria en Estados Unidos.

"A pesar de nuestras diferencias, estamos trabajando juntos para que la reforma sea aprobada lo antes posible, porque compartimos los mismos principios teológicos y morales que nos

impulsan a amar y a cuidar al extranjero entre nosotros", concluyó. [TOP](#)

Fonte: <http://www.rlp.com.ni/noticias/inmigrantes/33267> 10.07.08

## Organización caritativa mundial en campaña por latinos

La organización internacional Catholic Relief Services (CRS), que socorre a comunidades necesitadas en 100 países, busca con el lanzamiento de su página de Internet en español que la comunidad latina se involucre más con ayuda humanitaria.

"Nuestro reto y misión es llegar a los latinos en la nación para que aprendan un poco sobre el trabajo que estamos haciendo en sus países de origen. Que los latinos tengan los recursos que ofrecemos y puedan conocer de toda la ayuda humanitaria que venimos realizando", dijo a Efe, Lydia Dibos, asesora principal para el Alcance Latino del CRS.

Dibos resaltó la importancia de que la comunidad latina se integre a esta organización de carácter humanitario que ayuda a todas las comunidades en el mundo sin distinción de raza, credo o nacionalidad.

"Es muy satisfactorio nuestro trabajo, ver como las comunidades necesitadas reciben la ayuda y recursos y ellos mismos salen adelante", señaló Dibos, que hace 10 años dirigió programas en Guatemala y Honduras.

"Familias en ocasiones caminaban tres o cuatro horas para buscar agua, ahora gracias a la educación y recursos que recibieron iniciaron sus proyectos y hoy tienen una pila de agua y letrina. Estos son ejemplos como la entidad junto a otras organizaciones locales ha transformado sus vidas", afirmó la asesora.

El sitio en español, [www.crsespanol.org](http://www.crsespanol.org), provee una amplia información sobre los servicios comunitarios a nivel mundial.

Además, la entidad busca llegar a la comunidad latina a través de anuncios de servicio público en español que se transmitirán en cadenas de televisión hispanas y sitios virtuales, campaña de publicidad directa por correo, anuncios en medios de prensa y radio.

El sitio en español de CRS contiene artículos informativos sobre las iniciativas de cooperación de la agencia.

Además, incluye vídeos, fotos y testimonios de su labor, también información sobre sus logros como los planes dedicados a los agricultores mexicanos de manzanas para que ganen un salario justo, la ayuda a las cooperativas de café de mujeres en Nicaragua y el apoyo a las víctimas de inundaciones de México, República Dominicana y Haití, entre otras informaciones.

"Durante décadas Catholic Relief Services ha estado implementando proyectos de desarrollo a largo plazo en los distintos sitios de toda Latinoamérica y el resto del mundo, además de proporcionar ayuda de emergencia de gran calibre después de desastres naturales como los huracanes Mitch y Stan", agregó la experta.

El sitio contiene información sobre actividades para integrarse y recursos de ayuda espiritual como oraciones por la paz, justicia y por los inmigrantes.

"La gente puede dar, actuar, aprender y rezar con nuestro sitio. Todos pueden encontrar los recursos necesarios y participar para beneficiar a estas comunidades necesitadas", agregó Dibos.

La organización fue fundada en 1943 por los obispos católicos de la nación con la finalidad de asistir a los sobrevivientes de la Segunda Guerra Mundial en Europa.

A partir de entonces, sus ayudas se han extendido y llegan a más de 80 millones de personas en más de 100 países en los cinco continentes.

Con profesionales y voluntarios de agencias humanitarias y sociales locales en cada país, esta entidad provee los recursos necesarios para atacar el hambre en el mundo, la pobreza, atención médica, apoyo a las políticas públicas y respuesta inmediata como desastres naturales.

En el 2007, tras el terremoto de Perú contribuyeron con 100.000 dólares de ayuda para los damnificados por medio de la distribución de

productos básicos como comida, refugio y ayuda médica.

En Estados Unidos, su misión en concienciar a los católicos sobre el don de dar y que participen

activamente con sus oraciones y donaciones para seguir cumpliendo con su misión caritativa alrededor del mundo. [TOP](#)

Fonte: <http://www.rlp.com.ni/noticias/inmigrantes/33268> 10.07.08

## **Obispos de EE.UU., México, Centroamérica y El Caribe ante los derechos de migrantes**

En el marco del encuentro que han sostenido las Conferencias Episcopales de México, Estados Unidos, Centroamérica y El Caribe en esta ciudad fronteriza, que es una de las de mayor tráfico migratorio del mundo, obispos responsables de movilidad humana han recordado que el problema de las migraciones atañe a toda la sociedad y, desde luego, a la Iglesia católica en su conjunto.

Durante el encuentro, el obispo auxiliar de Monterrey, monseñor Gustavo Rodríguez Vega quien es presidente de la Comisión Episcopal de Pastoral Social de la Conferencia del Episcopado Mexicano (CEM), subrayó que "migrantes siempre ha habido y siempre los habrá, pero nos referimos a un problema muy concreto de estos últimos tiempos en los que se ha recrudecido la violación de los derechos humanos de los migrantes y de sus familias".

Estas violaciones, aclaró, no sólo se dan entre los migrantes mexicanos, sino también entre los centroamericanos y caribeños, "que buscan escapar de sus lugares de origen buscando una vida mejor, dirigiéndose a Estados Unidos".

"Y en ese camino corren toda clase de peligros, pero también toda clase de vejaciones en sus derechos humanos. Eso es para nosotros motivo de gran preocupación", enfatizó Monseñor Rodríguez Vega.

Por su parte, el Nuncio Apostólico en México, el arzobispo Christopher Pierre, dijo que durante la reciente visita a Estados Unidos, el Papa Benedicto XVI le dio mucha importancia a la dimensión migratoria, cuando anotó que la Iglesia católica y la sociedad han experimentado cambios por la presencia de inmigrantes hispanos.

"De ahí que ante una realidad la Iglesia no puede resistir a los hechos y debe integrarlos en su visión para responder a los desafíos", indicó monseñor Christophe Pierre.

El representante papal pidió a la comunidad católica de esta región de América, que es mayormente católica, apoyar a los migrantes de muchas maneras, sabiendo que la Iglesia católica no tiene todas las soluciones.

En rueda de prensa, el arzobispo de Tijuana y titular de Movilidad Humana de la CEM, monseñor Rafael Romo Muñoz, dijo que uno de los principales problemas que la Iglesia católica percibe en la frontera con Estados Unidos es, sin lugar a dudas, la violación de los derechos humanos de los migrantes.

"Al estar en esta frontera con Estados Unidos se pone mucha atención al trato que se les da a los mexicanos por parte de las autoridades norteamericanas, pero no se le da tanta atención a cómo es el trato de los mexicanos hacia los migrantes de Centroamérica, El Caribe y de Sudamérica, quienes sufren terriblemente", dijo monseñor Romo Muñoz.

"Nosotros deseáramos que se mirara con más sentido humanitario a nuestros migrantes. Ya lo hemos dicho muchas veces que se trata de gente que busca un mejor modo de vivir; que no son de ninguna manera delincuentes. Que lo que los impulsa es la necesidad de poder proveer a sus familias un mejor modo de vivir", concluyó Monseñor Romo Muñoz. [TOP](#)

Fonte: <http://www.zenit.org/article-27751?l=spanish> 26.06.08

## **Los obispos españoles piden a Europa que respete los derechos de los inmigrantes**

*Muestran su preocupación por la nueva Directiva sobre repatriaciones*

La Conferencia Episcopal Española ha mostrado hoy su preocupación por la nueva Directiva europea sobre la repatriación de inmigrantes ilegales, y pide a los políticos europeos que garanticen los derechos de estas personas.

En un comunicado hecho público hoy por la Comisión Episcopal de Migraciones, los obispos apelan “a los miembros del Parlamento de la Comunidad Europea y a los Gobiernos de las naciones en él integradas a que, en todas sus Directivas, se respeten siempre la dignidad y los derechos fundamentales de los inmigrantes”.

Este respeto, afirma el comunicado, debe garantizarse a los inmigrantes “independientemente de su situación legal”. Además, piden que “se extremen las cautelas para que, en toda medida legal, administrativa o relativa a la seguridad y al orden público se evite la equiparación, real o aparente, de los inmigrantes 'sin papeles' con delincuentes”.

Especialmente, los obispos advierten “sobre el trato con los inmigrantes que son 'retenidos' y devueltos a sus países y con los menores no acompañados, tanto en los plazos de retención, en la forma de devolución a sus respectivos países, como en la

'penalización añadida' de prohibición de volver a la Unión Europea en un largo plazo”.

Los obispos españoles se unen así a las críticas expresadas el pasado 3 de julio por otros episcopados europeos y americanos, entre ellos los obispos de Guatemala, que en un mensaje del pasado 3 de julio, consideraban que la Directiva es “excesivamente restrictiva y no ofrece garantías suficientes para el respeto de los Derechos Humanos de los migrantes”.

El pasado 5 de junio se hacía pública una carta de la Comisión de los Episcopados católicos de la Comunidad Europea (COMECE), por Caritas Europa, por la Conferencia de las Iglesias Europeas (KEK) y por la Comisión de las Iglesias Europeas para las Migraciones.

Estas organizaciones, que representan a las Iglesias de toda Europa -anglicana, ortodoxa, protestante y católica – vertieron duras críticas a la directiva en los mismos puntos citados, los procedimientos de detención y la prohibición de entrar durante un largo periodo de tiempo a los repatriados. [TOP](#)

Fonte: <http://www.zenit.org/article-27872?l=spanish> 08.07.08

## **Guatemala: El clamor de los indocumentados nos interpela, dice Pastoral de Migrantes**

*El clamor de los indocumentados interpela nuestros oídos, ojos y corazón, dice la Pastoral de Movilidad Humana de la Conferencia Episcopal de Guatemala en un documento dado a conocer ayer. "Compartimos con ellos sus esperanzas, dramas y lágrimas, penas y sufrimientos, el dolor del fracaso y de la exclusión, el sueño por una patria que les dé pan y libertad, estamos siendo interpelados por el Cristo Migrante encarcelado, maltratado por las leyes antimigrantes", afirman.*

Hoy hemos llegado al más alto nivel de la globalización, que se presenta a nuestros ojos como la tabla de salvación de los problemas mundiales, analizan, "pero no ha logrado dar respuestas a las aspiraciones fundamentales del ser humano. En la experiencia del destierro, en las tiendas plantadas en el desierto a veces en tierra quemada por la ley y el acoso, nos impulsa a escuchar el clamor de los emigrantes despojados de nombre, derechos y dignidad”.

Ante las acciones y decisiones recientes tomadas por la Comunidad Europea y por los Estados Unidos de América contra los inmigrantes, la Pastoral de Movilidad Humana de la Conferencia Episcopal de Guatemala, expresa su pesar y preocupación solidarizándose con todos aquellos

migrantes que sufren en estos momentos las persecuciones, redadas y deportaciones en Estados Unidos de América. Asimismo, quienes con desesperanza están a las puertas de sufrir leyes y políticas xenófobas y violatorias a Derechos Humanos Fundamentales en la Unión Europea; política hostil e incoherente como la implementada en Estados Unidos de América.

Nos preocupan, dicen, tales hechos padecidos por la comunidad inmigrante en dichas naciones, las cuales han optado por disposiciones represivas e inculminatorias contra miles de indocumentados que en la clandestinidad aportan a la economía de los países de origen y destino." Rechazamos las redadas y deportaciones masivas de guatemaltecos provenientes de Estados Unidos y

México. Dichas actitudes de hostilidad y persecución no solucionan en nada la problemática migratoria, son acciones contraproducentes e inhumanas".

Consideran que que urgen medidas gubernamentales necesarias para la reinserción de los trabajadores deportados. Se requiere un programa verdadero de Recepción, Atención e Integración Social y Laboral de los Guatemaltecos deportados. "Hasta ahora las acciones del gobierno no garantizan una estancia digna en nuestro país de los deportados. Dada la situación económica, política y social, muchos se ven obligados a intentar regresar hacia el Norte. Así, la migración se transforma en un constante ciclo vicioso y que favorece el incremento de las deudas en las familias".

Sobre la propuesta de "Directiva Retorno" que se debate en la Unión Europea, consideran que tal iniciativa es excesivamente restrictiva y no ofrece garantías suficientes para el respeto de los Derechos Humanos de los migrantes, puesto que se establecen procedimientos como la posibilidad

de ser detenidos incluso hasta 18 meses en centros de internamiento para extranjeros (sin haber cometido ningún delito judicial).

La pastoral, encabezada por Mons. Álvaro Ramazzini Imeri, hace un llamado a la reflexión a las naciones miembros de la Unión Europea, a los Estados Unidos de América y Estados Unidos Mexicanos, a que actúen solidariamente sin perjuicio de los migrantes que motivados por razones extremas (pobreza, desempleo, inseguridad, desastres naturales, guerra, entre otras) han salido de sus propias naciones para sobrevivir y salvaguardar su integridad física.

Finalmente exhortan también a los migrantes, a que sean fuertes ante tales embates y que permanezcan en unión y solidaridad para luchar ante esas adversidades. "Tienen nuestro apoyo y solidaridad. Están presentes en nuestras oraciones". [TOP](#)

Fonte: <http://www.alcnoticias.org/interior.php?lang=687&codigo=11861>  
04.07.08

## Los latinos cambian el panorama religioso de EEUU

*Un 4% de los musulmanes de EEUU son latinos, según una encuesta*

Un grupo de musulmanas latinas en Nueva York Los inmigrantes latinos están transformando el panorama religioso de EE.UU. ya que contribuyen a la vitalidad de denominaciones tradicionales como al crecimiento de grupos religiosos no tradicionales, indicó un académico hispano.

"Los cambios demográficos, raciales y étnicos en Estados Unidos nos están obligando a repensar cómo se hace ministerio en esta nueva realidad", sostuvo el doctor Gastón Espinosa, profesor de estudios religiosos en el Colegio Claremont McKenna (California).

"La pregunta clave que hay que hacer es ésta: ¿Quién se beneficia con la llegada de los nuevos inmigrantes?", comentó el experto anoche durante un encuentro de dirigentes cristianos hispanos y no hispanos convocado por el Seminario Teológico de Denver para fomentar el diálogo entre esos dos grupos de clérigos.

Gran parte de ese beneficio lo recibe la Iglesia Católica, ya que casi la mitad de los católicos menores de 30 años son hispanos, mientras que un

85 por ciento de los mayores de 70 años son anglosajones, de acuerdo con los datos del experto.

Además, los hispanos representan ahora casi la tercera parte del total de católicos en el país. Las distintas denominaciones protestantes o evangélicas también se benefician, dado que cada año 600.000 nuevos inmigrantes hispanos se afilian con esas denominaciones. Por eso, ya suman ocho millones los evangélicos hispanos del país, o casi la cuarta parte de la población latina total.

Sin embargo, los cambios demográficos que provocan diferencias sociales y económicas, además del distanciamiento cultural entre padres e hijos hispanos, y los matrimonios interraciales, están a la vez impulsando la llegada de hispanos a grupos religiosos que no figuran (numéricamente) entre los más grandes del país.

Desde ese punto de vista los grupos más favorecidos por las preferencias religiosas de los inmigrantes latinos son los Testigos de Jehová, la Iglesia de Jesucristo de los Santos de los Últimos

Días (comúnmente conocida como mormones) y, en menor medida pero aún significativo, el islam.

Espinosa enfatizó que él realiza sus propios estudios, encuestas y entrevistas, pero sus observaciones coinciden con el reporte publicado esta semana por el Pew Forum on Religion & Public Life, en el que se indica que los hispanos ahora representan el 24 por ciento de los Testigos de Jehová, el 7 por ciento de los mormones y el 4 por ciento de los musulmanes.

Como comparación, los hispanos son sólo el 7 por ciento de las iglesias evangélicas (o fundamentalistas) y el 3 por ciento de las iglesias protestantes tradicionales (bautistas, metodistas, luteranos, presbiterianos y anglicanos).

Pero, para Espinosa, un factor clave en el cambio religioso es el hecho que un 96 por ciento de los latinos se identifica con el cristianismo (sea de la expresión que fuese), frente a 76 por ciento de los blancos.

Como la edad promedio de los latinos en EE.UU. es de 27 años, contra 39 años entre los no hispanos (según datos de la Oficina del Censo),

eso significa que la continuidad de los grupos cristianos del país depende de los hispanos, a pesar de que no todos los grupos religiosos ven o aceptan esa nueva realidad.

"Nos estamos transformando en una nación de mestizos y vivimos en una realidad mezclada", comentó Espinosa. "Los latinos se están convirtiendo a nuevas tradiciones religiosas y ese tiene importantes implicaciones políticas".

En un año electoral, esas implicaciones políticas podrían ser un elemento clave en los resultados de los comicios.

Por ejemplo, en las elecciones presidenciales de 2000, la mayoría de los hispanos cristianos votó por los demócratas. Pero en 2004, mientras los hispanos católicos mantuvieron su voto a favor de los demócratas, los hispanos evangélicos favorecieron a los republicanos. "Nos gustaría separar la religión de la política pero no podemos. Simplemente ésa es la realidad en que vivimos", aseveró. [TOP](#)

Fonte: <http://www.webislam.com/?idn=11688> 28.02.08

## **Los terroristas islámicos no son fanáticos religiosos, sino "ignorantes de la religión", según la inteligencia británica**

*Una identidad religiosa arraigada en el individuo puede proteger de la radicalización violenta*

El documento del M15 destaca la importancia de aplicar medidas sociales que favorezcan la posición del individuo dentro de la sociedad. Según un informe confidencial de los Servicios de Inteligencia M15 británicos, que ha sido filtrado al periódico 'The Guardian', la idea de que los terroristas islámicos son fanáticos de la religión, con barba tupida, túnica blanca hasta los pies y mirada penetrante, no es más que un mito del imaginario colectivo.

Según este documento, no es posible trazar un perfil del terrorista en suelo británico, ya que la mayoría de ellos, no son ni fundamentalistas religiosos, ni inmigrantes indocumentados, ni individuos solitarios con frustraciones sexuales.

Lo que el informe revela, por el contrario, es que, en su mayoría, este tipo de individuos no suelen cumplir con sus obligaciones religiosas.

Lejos de responder al perfil del fanático, son más bien ignorantes en cuestiones de fe, ya que desconocen muchos aspectos de la doctrina del

Islam. No han crecido en el seno de familias excesivamente creyentes, y en algunos casos ingieren alcohol y drogas.

Así mismo, el documento sugiere que precisamente una identidad religiosa arraigada en el individuo puede incluso proteger de la radicalización violenta.

### *Medidas sociales para la integración*

El informe encuentra rasgos comunes entre los terroristas. Las expectativas vitales frustradas y la sensación de discriminación con respecto a la sociedad británica están generalizadas, por lo que el documento del M15 destaca la importancia de aplicar medidas sociales que favorezcan la posición del individuo dentro de la sociedad. Son tanto o más valiosas que las leyes antiterroristas, señala.

"Trabajos interesantes y bien pagados para la gente joven en los grupos vulnerables, la mejor integración de los inmigrantes, la efectiva reintegración de los ex prisioneros, la provisión de

alternativas para los ofensores menores de edad: todas estas medidas pueden reducir la radicalización", concluye el reporte del MI5. [TOP](#)

Fonte: <http://www.webislam.com/?idn=12949> 24.08.08

## **Migraciones, reserva de vida: Comunicado de los obispos de la Patagonia y el sur de Chile**

*Publicamos el comunicado emitido tras el encuentro de obispos de la Patagonia y el sur de Chile*

Reunidos en Valdivia (Chile), del 1 al 4 de abril, los Obispos del sur de Chile y de la Patagonia hemos reflexionado y compartido -en un ambiente de fraternidad y comunión eclesial- sobre distintos temas que desafían nuestra acción pastoral.

Hemos recibido el aporte de expertos que nos han transmitido datos y tendencias de la realidad para proyectar allí la luz que viene del Evangelio y del Magisterio de la Iglesia, en especial del Documento de Aparecida.

### *1. Migraciones*

Nos proponemos desarrollar algunas acciones pastorales en nuestras Iglesias particulares, según las posibilidades. Ellas son:

- a) Fortalecer las Comisiones de Pastoral Migratoria, en los lugares donde las hay, y crearlas donde no existen.
- b) Establecer un puente entre la Iglesia que recibe al migrante y aquella de donde proviene.
- c) Motivar y formar al personal consagrado y agentes laicos de pastoral en el tema de la movilidad humana, que es un signo de los tiempos.
- d) Establecer formas concretas de acogida en cada Diócesis, como por ejemplo un lugar de culto, una oficina y personal que atienda a quienes han venido de otras partes.
- e) Favorecer la promoción humana integral de los migrantes, lo que implica tutelar su dignidad y sus derechos, el ejercicio de la solidaridad y de la subsidiariedad, atendiendo por ejemplo, la situación de los indocumentados.
- f) Promover la evangelización de los migrantes que implica acoger su religiosidad, valorarla y acompañarla, junto con ofrecer instancias de catequesis, formación y espiritualidad, para que ellos mismos se conviertan en discípulos y misioneros de Jesucristo.

g) Animar la inculturación, ayudando a valorar la cultura del lugar a donde se llega, sin perder su identidad de origen.

### *2. Pueblos originarios*

Hacemos nuestro lo expresado por el Documento de Aparecida que afirma: "como discípulos y misioneros al servicio de la vida, acompañamos a los pueblos indígenas y originarios en el fortalecimiento de sus identidades y organizaciones propias, la defensa del territorio, una educación intercultural bilingüe y la defensa de sus derechos" (n. 549), todo ello realizado en un clima de diálogo, paz y justicia.

Por eso, nuestras Pastorales tendrán como objetivos importantes la valoración, la integración, el respeto y la participación de estos pueblos.

Hemos compartido con alegría y esperanza el regalo de Dios de la beatificación de Ceferino Namuncurá Burgos, joven mapuche, ocurrida el 11 de noviembre de 2007, y que consideramos como un don y desafío para la evangelización de nuestros pueblos.

### *3. Patagonia: reserva de vida del planeta*

Consideramos a la Patagonia como una unidad territorial de reserva de vida en el planeta, con una maravillosa biodiversidad.

Es un don de Dios que todas las personas de buena voluntad, especialmente los creyentes, debemos amar y proteger, con sabiduría y solidaridad, para la sustentabilidad de la presente y futuras generaciones.

En nuestro fraterno compartir nos ha preocupado la existencia de proyectos (mineros, hidroeléctricos, nucleares, acuícolas, forestales...) que buscan instalarse en nuestras tierras y que podrían dañar gravemente el equilibrio ecológico y la paz social.

La ética medioambiental nos plantea evitar toda explotación indiscriminada de la naturaleza, sobre

todo del agua, hoy tan indispensable y escasa para la vida humana.

A su vez, exige elaborar una política energética sustentable en función del bien común.

Llamamos a:

- a) participar muy activamente de las informaciones, propuestas de proyectos, discernimiento y toma de decisiones que se relacionan con la Patagonia;
- b) acrecentar la solidaridad con los más pobres e indefensos, promoviendo el servicio y la sustentabilidad;
- c) valorar la justicia y la paz, sobre todo en el trabajo y la convivencia social;
- d) promover la cultura de la vida y la austeridad con los bienes, aún en los detalles cotidianos.

#### *4. 30ª aniversario del Tratado de paz y amistad entre Chile y Argentina*

El 29 de noviembre de 2009 se cumplirán 30 años de la firma del Tratado de Paz y Amistad entre Argentina y Chile. Este Tratado nace de la mediación del Papa Juan Pablo II en la persona del Cardenal Antonio Samoré.

A partir de este acontecimiento se proponen algunas iniciativas:

- a) Reactivar la promesa hecha por los Episcopados de Chile y Argentina de "levantar un monumento a la Virgen de la Paz en el límite de Monte Aymond, que proclame... la victoria de la paz" (del Documento firmado en Punta Arenas, Chile, el 4 de abril de 1987, refrendado por el Papa Juan Pablo II).
- b) Fomentar y favorecer iniciativas y encuentros binacionales que trabajen y eduquen a favor de la cultura de la paz.
- c) Solicitar a las Conferencias Episcopales de Chile y Argentina el tratamiento de este tema.

Los Obispos de la Patagonia y sur de Chile damos gracias a Dios por vivir y servir en esta tierra tan fecunda en historia, bienes de la naturaleza, personas, pueblos y culturas. **TOP**

Ponemos en las manos de la Santísima Virgen María, Madre de nuestros pueblos, todos los propósitos, desafíos y compromisos, frutos del trabajo y la oración de este encuentro.

Fonte: <http://www.zenit.org/article-26843?l=spanish> 05.04.08

---

#### **Prossimi numeri della Rassegna MIGRAZIONI NELL'ATTUALITÀ:**

- Novembre 2008 – Migrazioni forzate: la tratta
- Marzo 2008 – Politiche migratorie e urbanizzazione
- Giugno - Economia: migrazioni e povertà

#### **Próximos números da Resenha MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE:**

- Novembro 2008 – Migrações forçadas: tráfico de pessoas
- Março 2008 – Políticas migratórias e urbanização
- Junho – Economia: migrações e pobreza

#### **Next up dates our MIGRATION REVIEW:**

- November 2008 – Forced migration: human traffic
- March 2008 – Migration policies and urbanization
- June- Economy: Migrations and Poverty

#### **Próximos números de la Reseña MIGRACIONES EN LA ACTUALIDAD:**

- Noviembre 2008 – Migraciones forzadas: trata de seres humanos
- Marzo 2008 – Políticas migratorias y urbanización
- Junio – Economía: migraciones y pobreza



## Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO ... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA !...
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos:
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes